



II CURSO DE OBSERVAÇÃO DE AVES
CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL-DEPAVE-SSO-PMSP
CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

A OBSERVAÇÃO DE AVES

- 1- Equipamento¹
- 2- Técnicas de observação¹
- 3- Técnicas de atração de aves^{1 e 3}
- 4- Registro das observações¹
- 5- Sistemática das aves brasileiras²

Autores: 1- LUIZ FERNANDO DE ANDRADE FIGUEIREDO
2- MARIA MARTHA ARGEL DE OLIVEIRA
3- SÉRGIO LUIS POMPÉIA



1 - EQUIPAMENTO

Nenhum equipamento é indispensável, mas eles ajudam muito na observação e no registro dos dados.

Vestimenta

Deve ser camuflada para não espantar as aves. Deve ter cor discreta, como marrom ou verde escuro. As diversas peças do vestuário devem ter tons diferentes para "quebrar" a silhueta humana, aumentando assim o efeito de camuflagem. A roupa deve ser adequada à estação e ter certa versatilidade, pois o observador poderá sair de madrugada, quando está frio, e permanecer no campo até o meio-dia, quando estará calor. Apesar do calor, as roupas devem ser de panos mais resistentes, para proteção contra arranhões, insetos, etc. As barras das calças devem ser enfiadas debaixo das meias ou presas com elásticos para evitar a entrada de insetos.

O calçado deve ser apropriado para andar em terrenos acidentados. As botas de cano longo são ideais quando houver o risco de picadas de cobras.

O boné de aba é indispensável. Suas vantagens são: diminuir a luminosidade que incide sobre os olhos, permitindo uma melhor visibilidade; aumentar a camuflagem; evitar tomar sol no rosto.

Bolsa

Uma bolsa a tiracolo, de lona ou nylon, de cor mimética. Não levar muito peso, pois após algumas horas de caminhada ela parecerá muito mais pesada que no início. Deve-se usar uma mochila nas costas se tiver que levar uma quantidade maior de equipamento. Um peso excessivo a tiracolo pode ocasionar problemas de coluna.

Cadernos, canetas, etc

É indispensável o caderno de Notas de Campo. Os de capa dura são mais resistentes. Os espirais têm a vantagem de se poder destacar folhas ou mudá-las de lugar, mas são pouco resistentes. O colecionador é uma alternativa que reúne as vantagens de



resistência e mobilidade das folhas. O tamanho pode ser o escolar comum. Há observadores que preferem cadernetas de bolso. Um caderno ou caderneta de desenho também será muito útil. Levar sempre canetas e lápis de reserva, para o caso de perda ou de acabar a tinta. Borracha e apontador.

Régua e fita métrica

Muitas medidas deverão ser feitas no campo, como dimensões de ninhos, tamanho de ovos e outras. As trenas de bolso com fitas de dois ou tres metros são excelentes.

Binóculo e luneta

Os binóculos vêm especificados por dois números separados por um "x", como 8x35 ou 20x50. O primeiro número seguido do "x" refere-se ao aumento e o segundo refere-se ao diâmetro da objetiva.

Quanto maior o diâmetro da objetiva, maior a luminosidade do binóculo. A luminosidade é uma qualidade muito importante quando se pretende fazer observações em ambientes pouco iluminados como florestas e horários de pouca luminosidade, ao amanhecer e ao entardecer.

Outra qualidade do binóculo é o campo de vista, que é a área que se pode ver com o binóculo.

A escolha do binóculo:

Pode parecer que quanto maior o aumento, melhor o binóculo. Isto nem sempre é verdade, no caso da observação de aves. Com um binóculo de grande aumento, é mais difícil focalizar a ave, dentro do campo visual e também há maior necessidade de mantê-lo imobilizado, para evitar que a imagem fique "balançando". Outra desvantagem é sua baixa luminosidade. Quanto maior o aumento, menor a luminosidade.

O ideal para a observação de aves em geral é o aumento entre 6 e 9X. O modelo 7X50 é muito apreciado por sua alta luminosidade.

Para a observação de aves marinhas que são vistas a grande distância e geralmente em vôo, os modelos de grande aumento



e amplos campos de visão são bastante úteis. Quando a observação é feita de barcos em movimento, os amplos campos de visão são obrigatórios.

O peso é uma qualidade importante na escolha do binóculo, pois pode ser cansativo carregá-lo e segurá-lo durante horas.

Quando se pretende observar aves que não permitem muita aproximação, mas que permanecem pousadas por longo tempo, é preferível usar uma luneta com tripê. Esta deve ter, de preferência, oculares intercambiáveis ou "zoom", permitindo aumentos de 15 a 60X.

Cuidados com o binóculo:

A correia deve ser ajustada para que o binóculo fique na altura do peito, para evitar que ele fique balançando e corra o risco de colisões. Pode-se usar uma correia adicional para fixá-lo junto ao peito. Os binóculos devem ser protegidos da poeira e da umidade. As lentes devem ser limpas com escovas apropriadas. Não usar papéis ou panos comuns, pois estes poderão danificar as lentes. Problemas que podem ocorrer são: desalinhamentos das lentes e crescimento de fungos. Nestes casos deve-se levá-lo a serviço especializado.

Gravador

As vozes das aves podem ser gravadas para posterior identificação da espécie ou utilização das gravações para atrair a ves da mesma espécie. Nestes casos, os pequenos gravadores portáteis são muito úteis. Os ornitólogos que se dedicam ao estudo do canto das aves usam gravadores sofisticados, de rolo.

A qualidade da gravação pode ser melhorada muito com o uso do espelho parabólico.

Máquina fotográfica e filmadora

A fotografia e a filmagem permitem uma documentação irrefutável das observações. As máquinas ideais são as mais leves e equipadas com tele-objetiva e tripê.



Esconderijos e cabanas

São úteis para o observador esconder-se e não espantar as aves. Pode ser alguma edificação (casa de campo, paiol de fazenda) ou esconderijo natural: arbustos densos, capinzais, troncos de árvores, grutas, etc. Uma cabana rústica pode ser construída com material encontrado no próprio local: galhos, folhas de bananeira, capim, tábuas velhas. Uma cabana simples pode ser feita colocando-se um pano sobre três ou quatro paus, à moda de cabana indígena. A vantagem é que se leva apenas o pano, os paus são obtidos no próprio local. Pode-se também usar apenas o pano para cobrir o corpo quando se permanece por pouco tempo em cada local.

Uma cabana mais elaborada é o "blind" ou "hide": um pano sobre uma armação de madeira ou metal, portátil. O pano deve ser camuflado, impermeabilizado e suficientemente grosso para impedir que a ave veja a silhueta do observador dentro da barraca. O plástico, apesar de impermeável, tem a desvantagem de esquentar muito.

Guias de campo

Os guias de campo são catálogos para identificação das aves que podem ser observadas em uma região: um continente, um país, um Estado, ou áreas pequenas: como uma cidade e seus arredores. Em geral, têm formato pequeno para serem levados para o campo. Há três tipos básicos: os descritivos, os fotográficos e os mistos. Os descritivos dão as descrições das aves, podendo ser ilustrados. Os fotográficos trazem as fotos ou desenhos das aves. Os mistos trazem descrições sumárias e desenhos. As descrições ressaltam os aspectos mais salientes e marcantes de cada espécie, que podem ser observadas sem dificuldade à distância. Estes aspectos são denominados "marcas de campo" ("field marks").

Repelente de Insetos

Especialmente na observação de "espera", é indispensável o uso de alguma forma de controle de insetos. Além de evitar o desconforto das picadas, evita-se, em muitos casos, diversas doenças como febre amarela, leishmaniose, malária, encefalite e outras.



Capa de chuva e plástico

Pode-se ser surpreendido por uma chuva em pleno campo, sem abrigo por perto. Neste caso, uma capa ou plástico servirão de abrigo de emergência. Pequenos plásticos são úteis para se assentar no chão molhado.

Bússola

É útil para evitar perder o rumo dentro de matas.

Espelho

Alguns ninhos ficam situados em locais de difícil acesso. Pode-se observar o seu interior e acompanhar o processo reprodutivo com o uso de um espelho que é adaptado na ponta de uma vara.



2 - TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO

2.1 - Modalidades gerais de observação

Há duas modalidades gerais de observação: a observação de percurso e a observação de espera. Na primeira, o observador percorre uma área, parando aqui e ali, enquanto vai fazendo as observações. Na observação de espera, ele permanece parado em algum lugar esperando que as aves apareçam.

O sucesso da observação de espera depende da possibilidade do observador manter-se escondido próximo a um local bem frequentado pelas aves. Chamaremos este local de ponto atrativo. Exemplos de pontos atrativos são as fontes de alimento e água, como: vegetais que servem de alimento, comedouros artificiais, riachos, o ninho, o local de pouso habitual ou de pouso noturno, etc. O gado é um ponto atrativo já que algumas aves costumam acompanhá-lo. Um bom local para observar aves é o seu local de banho. Após se banharem elas voam para algum lugar próximo onde permanecem por algum tempo enxugando-se e cuidando das penas. Eriçam a plumagem e o topete, esticam as asas, abrem a cauda em leque e tudo isto facilita a observação de detalhes úteis na identificação.

Estas duas modalidades gerais de observação podem ter usos diversos. A observação de percurso é indicada no levantamento da avifauna de uma área, pois percorrendo-se toda a área há maior chance de se observar todas as aves que nela existem. A observação de espera é melhor quando se estuda aspectos da biologia das aves como, por exemplo, a construção do ninho. Uma observação de espera realizada que dá resultados muito valiosos é a de aves que se alimentam de determinado vegetal.

Na observação de percurso o observador deve tomar certas precauções para não espantar as aves. Deve percorrer a área vagarosamente, o que lhe dará maiores chances de localizar as aves pelo canto ou por seus movimentos, antes que elas o percebam. Deve também, sempre que possível, manter-se escondido próximo a alguma vegetação mais densa. Os movimentos devem ser cautelosos e vagarosos. As aves têm excelente visão e audição e algumas são muito espantadiças, como os gaviões e outras. Algumas vezes será vantajoso aproximar-se das aves engatinhando. Deve-se evitar pisar



em folhas e galhos secos, que possam fazer barulho. A conversa deve limitar-se ao mínimo necessário e deve-se falar baixo. Ao tentar aproximar-se da ave deve-se fazer um percurso em zig-zag, ao invés de caminhar diretamente em direção a ela.

A posição em pé do observador parece espantar mais as aves que outras posições, como: agachado, assentado ou reclinado.

Elas também espantam-se menos quando o observador se aproxima montado a cavalo ou em algum veículo como: automóvel, barco motorizado ou canoa.

O sol, de preferência, deve estar sempre às nossas costas. Desse modo deve-se planejar o horário das observações quando elas forem feitas em locais como praias. Assim, nas praias em que o mar está do lado leste as observações serão melhores à tarde.

2.2. Horários e épocas de observação

A atividade das aves varia bastante com as horas do dia. As aves diurnas estão muito ativas ao amanhecer e nas primeiras horas que se seguem. Acordam esfomeadas e procuram alimento ativamente. Há maior abundância de alimento pela manhã, pois muitas larvas e insetos saem de seus ovos e pupas durante a noite e muitas frutas amadurecem. A atividade decresce em torno do meio-dia, aumentando novamente ao entardecer. As melhores horas para observação são: até três horas após o amanhecer e nas três últimas horas antes do anoitecer.

A observação também é favorecida durante o amanhecer e o entardecer, pois, em geral, há menos vento nesses períodos. Muitas aves parecem não gostar do vento, procurando lugares protegidos, além disso, ele, ao movimentar as folhagens, dificulta a observação do movimento daquelas. Apesar de ser mais difícil encontrar aves em torno do meio-dia, quando as encontramos existe a vantagem delas estarem mais quietas, permanecendo por longo tempo pousadas em um mesmo lugar, o que permite observá-las exaustivamente.

As condições climáticas influenciam a atividade das aves. A ameaça de uma tempestade faz com que elas se mostrem mais ativas à procura de alimento. Alimentam-se menos intensamente nos dias quentes e claros. Logo após um período de chuva prolongado



voltam a mostrar-se muito ativas na procura de alimento, para compensar o período em que estiveram escondidas da chuva. Em algumas regiões da zona litorânea observa-se que durante tempestades com o vento vindo do mar, podem surgir muitas espécies pelágicas. No litoral oeste dos Estados Unidos observa-se, às vezes, o aparecimento de espécies de gaivotas européias trazidas pelo vento.

A atividade das aves varia também com as épocas do ano. As espécies migratórias só podem ser observadas em algumas estações. No Brasil os migrantes do norte aparecem nos meses de verão e os migrantes do sul nos meses de inverno. Pode-se observar, no outono, a passagem de migrantes em direção ao norte, e, na primavera, em direção oposta (sul).

O período reprodutivo, que em geral ocorre na primavera e no verão, é quando as aves estão ativas na construção do ninho, defesa do território, incubação e tratamento dos filhotes. É uma época excelente para observá-las pois estão sempre nas proximidades do ninho e o macho estará cantando frequentemente para defender seu território.

Pode-se descobrir o ninho observando para onde a ave voa carregando algum material no bico ou levando alimento para os filhotes. Os piros dos filhotes também denunciam o ninho. Este será um excelente ponto atrativo após descoberto. Se o casal estiver ainda construindo o ninho, é conveniente não se aproximar muito dele para evitar assustá-las, levando-as a abandonar o local. No final do verão e outono é possível observar filhotes e jovens. Na primavera, com o início da temporada de chuvas, ocorrem revoadas de insetos, como térmitas e formigas. É possível ver, então, bandos com diversas espécies de aves, nas proximidades de cupinzeiros e formigueiros, à cata de insetos alados. É uma ótima oportunidade de observá-las, além de ser um bonito espetáculo.

A observação de aves noturnas é bem mais difícil. Muitas vezes temos que tentar identificá-las pelo canto, já que não podemos vê-las. Quando a ave tem um pouso habitual, podemos iluminá-la com uma lanterna possante. As noites de lua cheia são ideais. Observando-se a lua cheia com o binóculo pode-se perceber a passagem das aves (em lugares onde a migração é intensa). Alguns andorinhões (Apodidae) podem ser confundidos com morcegos ao en



tardecer. Deve-se redobrar os cuidados nas andanças noturnas para evitar picadas de cobras e artrópodes.

2.3. Observação nos diversos ecótopos

O observador de aves é também um excursionista. Antes de se aventurar a entrar em matas, escalar montanhas, percorrer rios a barco, acampar em lugares êrmos e distantes dos centros urbanos, explorar cavernas, subir em árvores, etc, ele deve estar familiarizado com estas coisas, para evitar os acidentes e problemas que podem acarretar. Explorações em áreas acidentadas ou distantes devem ser sempre feitas em grupos e as pessoas devem se manter juntas.

Em muitas cidades existem cursos de excursionismo, onde se pode aprender técnicas de segurança e mesmo de sobrevivência. As publicações sobre camping podem ajudar também para o conhecimento destas técnicas e a escolha do equipamento. É sempre bom que no grupo excursionista esteja incluída uma pessoa com prática em excursões e conhecimento da área a ser visitada. Muita coisa pode também ser aprendida nos grupos de escoteiros e no serviço militar.

Cuidado especial deve ser tomado com o fogo. Apague bem os tocos de cigarros antes de jogá-los fora. As fogueiras devem ser feitas em locais limpos e, de preferência, cercadas com pedras. Esteja sempre vigilante pois o vento pode levar uma fagulha para o mato próximo iniciando um incêndio. Apague completamente o fogo ao abandonar o local, jogando água, terra ou pedras.

2.3.1 - Observações no campo

As aves do campo são mais ariscas, permitindo uma menor aproximação. Serão úteis binóculos com maiores aumentos e lunetas. Quando nos pastos, deve-se prestar atenção no gado, pois diversas espécies de aves têm o habito de acompanhá-lo, como o Anú-preto (Crotophaga ani), o Suirirí (Machetornis rixosus) e o Cará-cará (Polyborus plancus).

Para despertar menos atenção das aves é preferível ficar na frente de alguma moita que atrás dela. Ficando na frente, não há necessidade de movimento e nossa silhueta será quebrada pelo contorno da moita. Ficando-se atrás, a silhueta de nossa cabeça e



tronco ficará bem visível por sobre a moita, principalmente quando nos movimentamos.

2.3.2 - Observação na mata

As aves da mata são mais difíceis de serem observadas, devido à densidade da vegetação. As clareiras oferecem uma oportunidade de melhor visibilidade. A luminosidade é bem mais baixa que no campo e mostra-se mais intensa com o sol a pino. As aves em geral, são vistas a pouca distância, assim, são preferíveis binóculos com aumentos menores. A observação das aves da abóbada florestal é um pouco difícil. Podem ser usadas torres de observação. Algumas aves arborícolas oferecem uma certa dificuldade para sua identificação por mostrarem em geral apenas uma parte do corpo. Os arapaçus, por exemplo, (*Dendrocolaptidae*) estão quase sempre "colados" às árvores, mostrando apenas o dorso. As aves que percorrem as partes mais altas das árvores mostram mais facilmente as partes inferiores.

Muitas aves poderão ser ouvidas e não vistas. O gravador poderá ser útil para atraí-las ou para registrar o canto para posterior identificação.

É muito fácil perder o rumo da mata, por isto é sempre bom utilizar-se de trilhas pré-existentes e, se necessário, de alguma marcação do percurso. Deve-se evitar entrar em matas desconhecidas ao entardecer. A bússola poderá ser muito útil.

2.3.3. - Observação nos alagados

Terrenos alagados como lagoas, pântanos, brejos, mangues, etc, têm uma avifauna muito rica mas são áreas de difícil observação.

Uma alternativa é a colocação de um blind sobre uma canoa ou uma plataforma flutuante.

Deve-se prestar atenção nas bordas das coleções de água, junto à vegetação, onde poderão surgir aves como saracuras (*Rallidae*) e patos (*Anatidae*) em período de desasagem. Estas aves ficam ocultas na vegetação aparecendo de vez em quando na beira d'água. Pode-se observar pegadas de aves no chão barrento, em torno de lagos e brejos, o que denuncia sua presença. O observador já experimentado nestas marcas poderá identificar a que espécies pertencem.



2.3.4 - Observação nos ecótonos

O ecótono é o limite entre um biótopo e outro. Por exemplo: o ponto onde se encontram a floresta e o campo, as margens de um lago, as praias, etc. Este lugar apresenta uma maior riqueza de aves e de outros animais, por ter características dos dois biótopos ao mesmo tempo e também uma vegetação particular. Chama-se este fenômeno de "efeito borda".



3 - TÉCNICAS DE ATRAÇÃO DE AVES

3.1 - Fontes artificiais de água e alimentos

Diversas técnicas têm sido usadas para atrair aves junto a residências. Isto pode ser feito pelo puro prazer de enfeitar o jardim com a presença das aves ou como uma forma de facilitar sua observação. Um tipo de observador, o "backyard bird-watcher" ou "observador de jardim", dedica-se com muito zelo a estas formas de atração. Esta é, para alguns, a única forma de observar aves, como no caso de Dorothy Constance Pallas, que devido a poliomielite ficou praticamente presa ao leito. Identificava e observava as aves da janela de seu quarto. Foi mais tarde co-autora de um livro chamado "Birds and their World" (As aves e seu mundo).

Os jardins e quintais equipados com comedouros e bebedouros dão origem às chamadas "estações alimentadoras". Uma associação norte-americana, a NATIONAL WILD LIFE FEDERATION (Federação Nacional para a Vida Selvagem) estimula a criação destas "Estações", que passam a funcionar como pequenos refúgios para a fauna.

A atração de aves tem uma vantagem adicional para os jardins, já que muitas se alimentam de insetos e outros invertebrados, contribuindo de uma forma ecológica para o controle das pragas.

As fontes de água são: pequenos lagos, pias de jardim, riachos artificiais, bebedouros e outras. Estas águas têm o inconveniente de se transformarem em focos de criação de mosquitos. Evita-se isto trocando a água com frequência, no caso de pequenos volumes, ou estabelecendo um sistema de água corrente.

A colocação de peixes, no caso de pequenos lagos, combaterá as larvas de mosquitos e outros insetos.

As fontes de alimento são comedouros com: frutas, sementes, cereais, sebo, pão e outros alimentos para aves. O bebedouro com água açucarada é frequentado principalmente por beija-flores, mas também por outras aves que se alimentam de néctar. É muito difundida a prática de alimentar aves em jardins e quintais nos Estados Unidos, estimando-se em 200 milhões de dólares o gasto anual com a compra de grãos, comedouros e caixas para ninhos.



O impacto ecológico desta prática é recompensador. O oferecimento de alimentos, nos invernos rigorosos, especialmente os de alto teor de gorduras, pode garantir a sobrevivência de muitas aves. Naquele país estes períodos críticos são enfrentados com campanhas nacionais para alimentação das aves, com participação de entidades governamentais. Alimentos para aves são lançados de aviões em áreas pouco acessíveis, ou como ocorreu em uma campanha promovida pela National Audubon Society; as pessoas enviavam alimentos para as aves pelo correio e este alimento era espalhado pelos carteiros das áreas rurais ao longo de sua rota. Muitas aves deixam de migrar por terem disponíveis estas fontes de alimento. Por esta razão, as associações de observadores recomendam que se alguém for deixar de colocar alimentos para aves, especialmente no inverno, que o faça de modo gradativo, diminuindo dia a dia a quantidade oferecida. A expansão da distribuição geográfica de algumas espécies nos Estados Unidos tem sido explicada pelo uso disseminado dos comedouros. Esta prática, por outro lado, tem sido também criticada naquele país. Argumenta-se que a concentração de aves nos comedouros e próximo a eles pode facilitar a disseminação de doenças, já tendo sido observada mortandade de aves nestes locais, provavelmente devido a doenças viróticas. A melhor prevenção para evitar isto é a limpeza. Os comedouros e fontes de água devem ser planejados de modo a serem facilmente limpos e desinfetados. O oferecimento de alimento durante o inverno, amenizando o seu rigor, pode facilitar o aumento das populações de aves indesejáveis, como: pombos domésticos (Columbalivia); estorninhos (Sturnus vulgaris), pardais (Passer domesticus) e "Black-birds".

Portanto, a interferência humana pode eliminar a ação da natureza no controle natural destas espécies.

3.2 - Bebedouro para beija-flores

O modelo vendido no comércio consiste em um recipiente de plástico com três tubinhos adaptados. São colocadas peças de plástico imitando a corola das flores em volta dos tubinhos, para aumentar o efeito atrativo. Um modelo bastante simples é feito fazendo-se um furo na base de uma garrafa e adaptando-se um tubinho de plástico neste furo.



Pinta-se o tubinho (e em volta dele) com tinta vermelha, simulando uma flor.

Estudos mostraram que as cores das corolas de bebedouros preferidas pelos beija-flores são as seguintes, em ordem decrescente de preferência: vermelho, amarelo, branco, azul, incolor (transparente), roxo, verde, marrom. A solução nutritiva a ser usada, é uma solução de açúcar comum a 20%, ou seja, uma parte de açúcar para quatro partes de água. Os beija-flores, na natureza, dão preferência às flores com néctar variando de 15 a 25% de açúcar. Um problema que esta solução açucarada pode causar, é facilitar o desenvolvimento de um fungo (Candida albicans) na língua dos beija-flores. É o popular "sapinho" (candidíase). Foi observado que a ocorrência deste problema é maior quando se usa mel no preparo da solução açucarada.

Deve-se, então, usar apenas o açúcar comum no preparo da solução. É importante também trocar a solução com frequência, procedendo uma limpeza adequada do bebedouro.

O bebedouro deve ser mantido sempre no mesmo local e sempre abastecido, para que a atração seja maior; no caso de se pretender mudá-lo de lugar, deve-se fazê-lo de forma gradativa, ou seja, ele vai sendo mudado metro a metro, dando-se tempo para que as aves se acostumem com o novo lugar. Deste modo, ele vai sendo trazido para mais perto da casa, para dentro de varandas, etc. É importante colocá-lo longe de lugares muito movimentados ou de coisas que possam assustar as aves, como fontes de barulho e animais.

Quando diversos beija-flores frequentam o bebedouro, são muito comuns as brigas e um deles tenta tornar-se o "dono" do bebedouro, impedindo a aproximação dos demais. A colocação de diversos bebedouros mais ou menos distantes evita este problema.

Outro problema comum é o surgimento de abelhas, marimbondos, formigas e outros insetos, atraídos pelo açúcar. A solução, no caso das formigas, é fácil: pendura-se o bebedouro em um pequeno pedaço de arame e neste ponto coloca-se uma rodelinha de papelão absorvente ou algodão embebidos em inseticida, repelente de insetos ou óleo lubrificante. Isto formará uma barreira para



as formigas. Quanto aos insetos alados, é mais difícil, mas algumas alternativas podem ser tentadas. Uma delas é aplicar um repelente de insetos no bebedouro, tomando-se apenas a precaução de não contaminar a solução açucarada e os tubinhos, o que poderia envenenar as aves. As aves têm olfato muito pouco desenvolvido, assim, o cheiro não irá incomodá-las, espantando apenas os insetos. Outra alternativa é dependurar logo abaixo do bebedouro um vidro de boca larga onde se coloca uma solução bem açucarada; como os insetos preferem soluções mais concentradas, em torno de 80% de açúcar, darão preferência a esta solução, dispensando o bebedouro. Este vidro funciona também como armadilha pois os insetos acabam caindo no líquido e morrendo.

Os bebedouros podem ser frequentados por morcegos nectarívoros (que se alimentam de néctar) à noite; para descobrir se isto está ocorrendo basta marcar o nível da solução açucarada no início da noite e verificá-lo novamente logo ao amanhecer. Quando afastadas outras causas como vazamentos, formigas, vento forte que derrama a solução; se tiver diminuído, provavelmente trata-se de morcegos. Muitas vezes, será conveniente retirar os bebedouros durante a noite.

Além dos beija-flores, outras aves frequentam o bebedouro, especialmente as da família Coerebidae, como a cambacica (*Coereba flaveola*). Estas aves são incapazes de adejarem frente às flores como os beija-flores, assim, elas pousam nas corolas dos bebedouros para alcançarem os tubinhos. Ao construir o bebedouro, pode-se colocar uma espécie de poleiro para facilitar a chegada destas aves ou colocar o bebedouro próximo a ramos de plantas de onde elas possam alcançar os tubinhos.

Os bebedouros constituem um recurso extraordinário para a observação dos beija-flores. A identificação das espécies nesta família é particularmente difícil devido a três fatores: o tamanho pequeno dos beija-flores, a grande rapidez de seus movimentos e a dificuldade na observação e identificação da cor da plumagem devido à iridescência, que faz com que a cor mude de acordo com a iluminação e o ângulo de observação. Os bebedouros permitem que o beija-flor se aproxime de nós; muitas vezes, sur-



preendentemente, ao alcance da mão. Permanecem alguns instantes imóveis, para sugarem a solução, o que permite observá-los em detalhe. Podemos também colocar bebedouros no campo e deixá-los ali, reabastecendo-os periodicamente. Os beija-flores que existirem naquela área provavelmente irão frequentá-lo, sendo assim mais fácil constatar sua presença.

3.3. - Caixas para ninhos de aves

A colocação de caixas para ninhos de aves é uma atividade antiga e muito difundida nos Estados Unidos e países europeus. O impacto ecológico desta prática é altamente compensador para muitas espécies. As fazendas modernas, (com extensas áreas transformadas em pastagens ou plantações) as florestas homogêneas, a urbanização, deixam poucas oportunidades para as aves encontrarem cavidades naturais em árvores. A sobrevivência de certas aves norte-americanas em algumas áreas, como o "Blue-bird", é atribuída à colocação destas caixas. Cinquenta espécies utilizam-se de caixas para ninhos nos Estados Unidos, e já estão bem estudados os modelos de caixas mais adequados para cada espécie. Estes variam nas dimensões da base, altura da caixa, diâmetro da abertura da entrada e altura da entrada. Deve-se levar em conta na colocação, que fatores como a altura do chão, densidade da vegetação, proximidade de lagos e outros, também interferem na ocupação da caixa. A cor recomendada, em geral, é a marrom, mas pode-se usar tons de cinza ou verde, sempre discretos. As caixas para andorinhas, que são colocadas no topo de estacas, devem ser pintadas de branco para refletir o calor do sol, evitando um aquecimento exagerado.

A ocupação das caixas por aves indesejáveis, ou mesmo por artrópodes, é uma dificuldade a ser contornada. Nos Estados Unidos há problemas com o pardal (Passer domesticus) e o estorninho (Sturnus vulgaris). A não colocação do poleiro na entrada é uma medida recomendada para evitar o pardal. Em nosso meio já foi observada a ocupação de caixas por marimbondos e abelhas.

A espécie que se adapta com mais facilidade às caixas é a corruíra (Troglodytes aedon). É comum observarmos esta ave



fazendo ninho em minúsculos espaços dentro de canos de passagem de fiação elétrica ou em pequenos buracos em muros.

Há dois tipos de modelos de caixas para ninhos: os modelos padrões e os modelos decorativos. Os modelos padrões têm uma base quadrada e uma altura um pouco maior que a largura, um pouco mais alta atrás, para permitir uma pequena queda no telhado. Além da abertura da entrada, é recomendável fazer nas laterais alguns orifícios para permitir melhor ventilação, tornando a caixa menos misteriosa para a ave que acaba de chegar.

Não foram feitos estudos para verificar as dimensões apropriadas para cada espécie no Brasil, mas podemos nos valer dos modelos indicados para as aves norte-americanas. São dadas as dimensões de alguns modelos a seguir, que podem ser usados em nosso meio para aves de porte semelhante: (em centímetros)

Ave	Base	Altura	Diâmetro da entrada	Altura da entrada
Corruíra	13x13	15	4	10
Pica-pau, Periquitos	18x18	33	6,5	25
Corujas	25x25	50	10	40

Os modelos decorativos são feitos com formatos variados e têm uma função adicional de servir de enfeite para o jardim. Alguns são feitos aproveitando-se algum material propício, como cabaças, cocos e outros objetos ôcos.

É indispensável se a caixa for ficar ao ar livre, algum tratamento impermeabilizante para maior durabilidade, como tinta ou verniz. Um acabamento eficiente e bonito é escurecer a madeira com estrato de noqueira e envernizar. Conserva-se, deste modo, o aspecto da madeira e pode-se dar o tom desejado.

É conveniente, nos modelos padrões, que o teto seja móvel, por meio de uma dobradiça ou outro sistema, para permitir



que se acompanhe o processo reprodutivo.

A caixa deve ser limpa após a saída dos filhotes, retirando-se todo o material do ninho e lavando-se a caixa com um desinfetante. Isto eliminará possíveis parasitas.

Aplicar nova mão de tinta ou verniz, se necessário.

3.4. Vegetais que atraem aves

Qualquer planta funciona como atrativo para aves. Entretanto, algumas têm uma importância biológica maior por serem flores, frutos, sementes ou outras partes ou por atraírem insetos e outros pequenos animais, que por sua vez também servem de alimentos para as aves. Algumas plantas constituem o local preferido para a construção do ninho ou fornecem material para isto.

3.4.1 - Plantas floríferas que atraem beija-flores e cambacicas

BROMELIÁCEAS: Tillandsia, Neoregelia, Vriesia, Billbergia
Nidularium, Aechmea

TREPADEIRAS: Brinco de princesa (Fucsia)

Primavera (Bougainvillea)

Lanterninha (Abutilon)

Maracujazeiro (Passiflora)

Flor de São João (Pyrostegia)

Tumbergia (Thunbergia)

ARBUSTOS: Camaradinha (Lantana)

Sanguêsia (Sanchesia)

Grevílea-de-Jardim (Grevillea)

Sálvia (Salvia)

Hibiscos (Hibiscus)

Caliandra (Calliandra)

Malvavisco (Malvaviscus)

ÁRVORES: Suinã, Mulungú, Eritrina (Erythrina)

Ipês (Tabebuia)

Paineiras (Chorisia, Bombax, Pseudobombax,
etc.)

Pata de vaca (Bauhinia)



PLANTAS CARNOSAS: Babosa (Aloe)
 Flor-de-maio (Zygocactus)
 Kalanchoe (Kalanchoe)
 MUSÁCEAS (Família das Bananeiras): Flor do Paraíso (Stre-
 litzia)
 Heliconias (Heliconia)
 Bananeira de jardim (Musa)

3.4.2 - Plantas com frutos de polpa comestível

PALMEIRAS: Palmito (Euterpe)
 outras espécies (veja item 3.4.5)
 ARBUSTOS: Maria pretinha (Solanum)
 Framboesa-do-mato (Rubus)
 Violeteira (Duranta)
 Piracanta (Pyracantha)
 Fruta-de-Sabiã (Acnistus)
 Tamanqueira (Aegiphila)
 Goiaba serrana (Feijoa)
 Araçãs e Goiabeiras (Psidium)
 Falsa murta (Murraya)
 ÁRVORES: Crindiúva (Trema)
 Jaqueira (Artocarpus)
 Pau D'alho (Gallesia)
 Romã (Punica)
 Mamoeiro (Carica)
 Grumixama (Stenocalyx)
 Pinhas (Araticum, Annona, Rollinia)
 Nespereira (Eriobotrya)
 Camboatã (Cupania)
 Cinamomo (Melia)
 Café-do-mato (Cordia)
 Jenipapeiro (Genipa)
 Calabura (Mutingia)
 Miconia (Miconia)
 Tanheiro, Tapiã-guaçú (Alchornea)
 Figueiras (Ficus)
 Tarumã (Vitex)
 Uva Japonesa (Hovenia)



ÁRVORES

Amoreira (Morus)
 Callicarpa (Callicarpa)
 Aroeira-mansa (Schinus)
 Pitangueira (Eugenia)
 Jaboticabeira (Myrciaria)
 Jambo (Syzygium)
 Uvaia (Eugenia)
 Guabiroba (Campomanesia)
 Ingã (Inga)
 Embaúba (Cecropia)
 Magnólia-amarela (Michelia)
 Alfeneiro (Ligustrum)
 Castanha do Maranhão (Pachira)
 Abacateiro (Persea)

3.4.3 - Plantas com sementes que servem de alimento às aves

GRAMÍNEAS: Gramas (Stenotaphrum, Paspalum, Digitária)
 Capins (vide item 3.4.4)

ÁRVORES: Guarantã (Esenbeckia)
 Cedro (Cedrela)
 Cassias (Cassia)
 Ingãs (Inga)
 Canelas (Ocotea, Nectandra)
 Tamanqueira (Pera)
 Pau-de-óleo (Copaífera)
 Paineiras (Chorisia, Bombax, Pseudobombax, etc)
 Manacãs, Quaresmeiras (Tibouchina)
 Pinheiro-do-Paraná (Araucaria)

3.4.4 - Plantas fornecedoras de material para a construção de ninhos

GRAMÍNEAS: Bambus (Bambusa)
 Taquaras (Merostachys)
 Capins (Andropogon, Melinis, Setaria, Paspalum, Panicum, etc)



PLANTAS QUE PRODUZEM PAINA:

Tabôa (Typha)

Paineiras: (Chorisia, Bombax, Pseudobombax, etc)

PLANTAS QUE PRODUZEM FIBRAS:

Linho da Nova Zelândia (Phormium)

Bromeliaceas (vide idem 3.4.1)

Agaves (Agave)

Palmeiras (videm item 3.4.5)

3.4.5 - Plantas procuradas para a construção de ninhos

ARBUSTOS E CERCAS VIVAS: Hibisco (Hibiscus)

Ligustro (Ligustrum)

Cedrinho (Cupressus, Thuja)

Aglaia (Aglaia)

Ficus (Ficus).

PALMEIRAS: Tamareiras (Phoenix)

Palmeira imperial e real (Roystonea)

Jerivá (Syagrus)

Palmeiras com folhas em leque (Washingtonia,
Livistonia)

Seafórtia (Archontophoenix)

ÁRVORES: Alecrim de Campinas (Holocalyx)

Tipuanas (Tipuana)

Paineiras (Chorisia, Bombax, Pseudobombax)

Jacarandã mimoso (Jacaranda)

Pata de vaca (Bauhinia)

Magnólia-amarela (Michelia)

Figueiras (Ficus)

Alfeneiro (Ligustrum).



4 - REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES

Notas de Campo

As observações devem ser registradas o mais brevemente possível, para evitar que se esqueça algum detalhe. O tamanho e o número de páginas do caderno de Notas de Campo depende do volume de observações a serem registradas. É conveniente dividir o caderno em quatro secções:

Secção A - Listas Diárias- É a listagem das aves observadas durante a jornada de observação. Faz-se uma "lista de checagem diária" ("daily field check list"), para evitar o trabalho de se escrever o nome das espécies toda vez que se sai a campo.

Os nomes científicos e os nomes "provisórios" (vide adiante) de todas as espécies observadas na área em estudo são escritas em uma coluna à esquerda da folha. A direita desta coluna são traçadas diversas colunas estreitas, uma para cada dia, ou outro período de observação. Assinala-se a lápis um "X" na linha e coluna correspondente à medida que cada espécie é observada. Assinala-se um "/" quando esta for apenas ouvida e, se mais tarde ela for vista, completa-se o "X". Pode-se assinalar a caneta o número aproximado de indivíduos de cada espécie observado na área, no final da jornada de observação. Isto pode ser feito com o uso de letras representativas do número aproximado, como sugerido a seguir:

letra	nº aproximado	letra	nº aproximado
A	1	F	11- 20
B	2	G	21- 50
C	2 (casal)	H	51-100
D	3-5	I	mais de 100
E	6-10		

Quando as aves forem observadas em bandos, o número total de cada bando pode ser registrado na secção Notas Biológicas.



Vai-se, a princípio, anotando o nome das espécies na lista, na sequência em que elas forem sendo observadas. Quando houver um número relativamente grande, a lista pode ser refeita colocando-se as espécies em ordem sistemática (a mesma em que elas estão dispostas no Guia de Campo ou no catálogo usado como referência), o que ajuda a localizá-las mais rapidamente.

Secção B - Notas Biológicas- Nesta secção são registradas todas as observações sobre a biologia das aves. Não se deve esquecer de mencionar o local e da data em que foram efetuadas. Além destes, outros dados devem ser anotados:

- Hora de início e término para cada dia de observação: este dado permite correlacionar o horário de observação com as espécies observadas e o número de aves. Permite também que se conheça o total de horas trabalhadas na área desde o primeiro dia.
- Temperatura e condições atmosféricas: o objetivo é verificar influências das condições do tempo sobre a presença e o comportamento das aves.
- Vestígios ou observações superficiais: às vezes, observa-se apenas de relance, ouve-se um canto desconhecido ou encontra-se um ninho abandonado ou outro vestígio de ave não identificada. Estes dados também devem ser anotados, pois mais tarde, com a identificação da espécie, eles poderão ser úteis.
- Aspectos gerais da área: paisagem, tipo de vegetação, floração e frutificação dos vegetais, formas diversas de depredação humana do ambiente, etc.

Secção C - Aves a serem identificadas. As espécies não identificadas de imediato também devem constar das "Listas Diárias", e "Notas Biológicas". Estas devem receber um nome provisório, um "apelido". Procura-se escolher um nome que seja descritivo e sugestivo para evitar que se esqueça a que ave ele corresponde. Reserva-se um espaço na secção "Aves a serem identificadas" para cada uma destas aves. Vai-se completando, nestes espaços, as descrições e anotando-se outros dados que podem ajudar na identificação. Deve-se também desenhar a ave, indicando com setas a coloração. Quando finalmente esta é identificada, encerra-se o seu espaço. O nome provisório, que deve ser sempre escrito à lápis,



é substituído pelo nome científico nas "Listas Diárias" e nas "Notas Biológicas".

Secção D - Vegetais a serem identificados. O procedimento é semelhante ao da secção anterior. Reserva-se um espaço para cada vegetal, ao qual se dá um nome provisório, ou um número. Anota-se o local onde um exemplar pode ser encontrado. Descreve-se e desenha-se o vegetal; se algum material for coletado para identificação, deve-se registrar o número do material e este deve ser etiquetado com este número.

NOTA : Quando o objetivo for fazer muitas observações sobre a biologia das espécies, pode ser interessante colocar as Notas Biológicas em um caderno separado. Reserva-se uma ou mais folhas para cada espécie e as observações vão sendo anotadas nas folhas correspondentes. Não se deve esquecer de registrar data, local e, se houver interesse, hora em que as observações foram efetuadas.



5 - SISTEMÁTICA DAS AVES BRASILEIRAS

A seguir é dada a lista das ordens e famílias de aves que ocorrem no Brasil. As ordens e famílias das quais até o momento já foram observadas espécies na cidade de São Paulo estão assinaladas com um asterisco (*).

A sequência adotada é a do livro de SICK (1985). O número que se segue ao nome de cada família corresponde ao número de espécies dela que existem no Brasil, segundo o mesmo autor.

1. Ordem Sphenisciformes

Família Spheniscidae (3): pingüins- acidentais na costa brasileira, vindos da região sub-antártica.

2. Ordem Rheiformes

Família Rheidae (1): ema

3. Ordem Tinamiformes

Família Tinamidae (22): codorna (não a que é criada em viveiros), perdiz, inhambus, macuco

4. Ordem Podicipediformes

Família Podicipedidae (4): mergulhões

5. Ordem Procellariiformes-Aves pelágicas (vivem em alto mar), raramente vistas na costa;

em geral espécies subantárticas que aparecem em águas brasileiras no inverno

Família Diomedidae (6): albatrozes

Família Procellariidae (17): pardelas, faigões- pertencem a esta família as "gaivotas" que, a alguns anos, apareceram mortas em grande número nas praias paulistas.

Família Hydrobatidae (3): andorinhas-das-tormentas

6. Ordem Pelecaniformes

Família Phaethontidae (2): rabos-de-palha

Família Pelecanidae (2): pelicanos-ocasionais no Brasil, vindos do Hemisfério Norte

Família Sulidae (3): atobás



Família Phalacrocoracidae (1): biguã

Família Anhingidae (1): biguatinga

Família Fregatidae (3): fragatas

7. Ordem Ciconiiformes

Família Ardeidae (19): garças, socós

Família Cochleariidae (1): arapapã

Família Ciconiidae (3): jaburu, maguari, cabeça-seca

Família Threskiornithidae (8): guarã, colhereiro, curica
ca

8. Ordem Phoenicopteriformes

Família Phoenicopteridae (1): flamingo

9. Ordem Anseriformes

Família Anhimidae (2): anhuma, tachã

Família Anatidae (24): patos, marrecos, cisne-de-pescoço-
preto

10. Ordem Falconiformes

Família Cathartidae (6): urubus, condor andino-ociden-
tal no Brasil, vindo dos Andes

Família Accipitridae (44): gaviões, águias

Família Pandionidae (1): águia-pescadora

Família Falconidae (17): falcões, carcarã, pinhé

11. Ordem Galliformes

Família Gracidae (20): jacu, jacutinga, mutum

Família Phasianidae (4): urus - pertencem a esta família
várias aves criadas em cativeiro, como a galinha,
o pavão, o faisão e a codorna-doméstica.

12. Ordem Opisthocomiformes

Família Opisthocomidae: cigana

13. Ordem Gruiformes

Família Aramidae (1): carão

Família Psophiidae (3): jacamins

Família Rallidae (28): saracuras, frangos-d'água

Família Heliornithidae (1) ipequi

Família Eurypygidae (1): pavaõzinho-do-pará

Família Cariamidae (1): seriema



14. Ordem Charadriiformes
- Família Jacanidae (1): jaçanã
 - Família Rostratulidae (1): narceja-pintada
 - Família Haematopodidae (1): ostraceiro
 - Família Charadriidae (10): quero-quero, maçaricos
 - Família Scolopacidae (22): maçaricos, narcejas
 - Família Rēcurvirostridēs (1): pernilongos
 - Família Phalaropodidae (2): pisa-n'água
 - Família Burhinidae (1): tēu-tēu-da-savana
 - Família Chionididae (1): pomba-antártica-ocasional no Brasil, vinda da região sub-antártica
 - Família Stercorariidae (4): skua, gaivota-rapineira
 - Família Laridae (23): gaivotas, trinta-réis
 - Família Rhynchopidae (1): talha-mar
15. Ordem Columbiformes
- Família Columbidae (21): pombas, rolinhas
16. Ordem Psittaciformes
- Família Psittacidae (69): papagaios, periquitos, araras
-pertence a esta família a Ararajuba (Guarouba guarouba) proposta por Sick para ser a Ave Nacional do Brasil
17. Ordem Cuculiformes
- Família Cuculidae (18): anús, saci, alma-de-gato
18. Ordem Strigiformes
- Família Tytonidae (1): suindara
 - Família Strigidae (18): corujas, caburés, mocho
19. Ordem Caprimulgiformes
- Família Nyctibiidae (4): mães-da-lua
 - Família Caprimulgidae (22): curiangos
20. Ordem Apodiformes
- Família Apodidae (15): andorinhões -não confundir com as andorinhas (Passeriformes, Hirundinidae)
 - Família Trochilidae (88): beija-flores
21. Ordem Trogoniformes
- Família Trogonidae (9): surucuás



22. Ordem Coraciiformes

Família Alcedinidae (5): martins-pescadores

Família Momotidae (3): juruvas

23. Ordem Piciformes

Família Galbulidae (15): arirambas-da-mata

Família Bucconidae (23): joões-bobos

Família Capitonidae (4): capitaes-de-bigode

Família Ramphastidae (18): tucanos e araçaris

Família Picidae (46): pica-paus

24. Ordem Passeriformes

Família Dendrocopidae (37): arapaçus

Família Furnariidae (93): joões-de-barro, joão-tenenêm

Família Rhinocryptidae (8): tapaculos

Família Cotingidae (46): arapongas, cotingas, anambês

Família Pipridae (35): tangarás, rendeira

Família Tyrannidae (185): bem-te-vi, siriris, tesourinhas, papa-moscas-A família com maior número de espécies no Brasil

Família Phytotomidae (1): corta-ramos

Família Hirundinidae (15): andorinhas-não confundir com os andorinhões (Apodiformes, Apodidae)

Família Corvidae (8): gralhas

Família Troglodytidae (18): corruíras

Família Mimidae (3): sabiã-do-campo, calandra-de-três-rabos, sabiã-da-praia

Família Turdidae (17): sabiãs verdadeiros

Família Sylviidae (6) chiritos

Família Motacillidae (5): caminheiros

Família Vireonidae (15): juruviaras, gente-de-fora-vem

Família Icteridae (36): chupim, pássaro-preto, corrupiões

Família Parulidae (20): mariquita

Família Coerebidae (15): cambacica, saís

Família Tersinidae (1): saí-andorinha

Família Thraupidae (80): sanhaços, gaturamos, saíras, tiês

Família Fringillidae (81): tico-ticos, canários-da-terra, coleirinha, bigodinho, curiô, azulão, trinca-ferro, pintassilgo, cardeais

Família Ploceidae (1): pardal-introduzido no Brasil, a partir da Europa

Família Estrildidae (1). Bico-de-lacre-introduzido no Brasil a partir da África.



GUIA PARA AS AVES MAIS COMUNS DA CIDADE DE SÃO PAULO

II Curso de Observação de Aves

Centro de Educação Ambiental-DEPAVE- SSO - PMSP

Centro de Estudos Ornitológicos

outubro de 1986

O GUIA PARA AS AVES MAIS COMUNS DA CIDADE DE SÃO PAULO foi elaborado para o treinamento em observação e identificação de aves no campo dos alunos do II Curso de Observação de Aves. Em muitos aspectos ele está incompleto, o que se pretende corrigir futuramente com a edição de um guia definitivo.

As indicações de frequência referem-se à área urbana da cidade de São Paulo.

As medidas indicadas em seguida ao nome científico, referem-se ao comprimento da ave e são aproximadas.

Maria Martha Argel de Oliveira

Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Os desenhos que ilustram este guia foram adaptados de diversas fontes e, junto a cada um, estão as iniciais do livro no qual se encontra o original.

Os livros utilizados foram os seguintes:

AA- Narosky, T., 1978. Aves argentinas: guia para el reconocimiento de la avifauna bonaerense. Buenos Aires, Albatros.

ASR-Belton, W., 1982. Aves silvestres do Rio Grande do Sul- Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

AT- Roots, C., 1979. Aves tropicais. São Paulo, Melhoramentos Edusp. (Série "Prisma")

BNA-Robbins, C.S., Bruun, B. & Zim, H.S., 1966. Birds of North America. Nova York, Golden Press.

BV -Meyer de Schauensee, R. & Phelps, W.H., Jr. 1978. Birds of Venezuela. Princeton, Princeton University

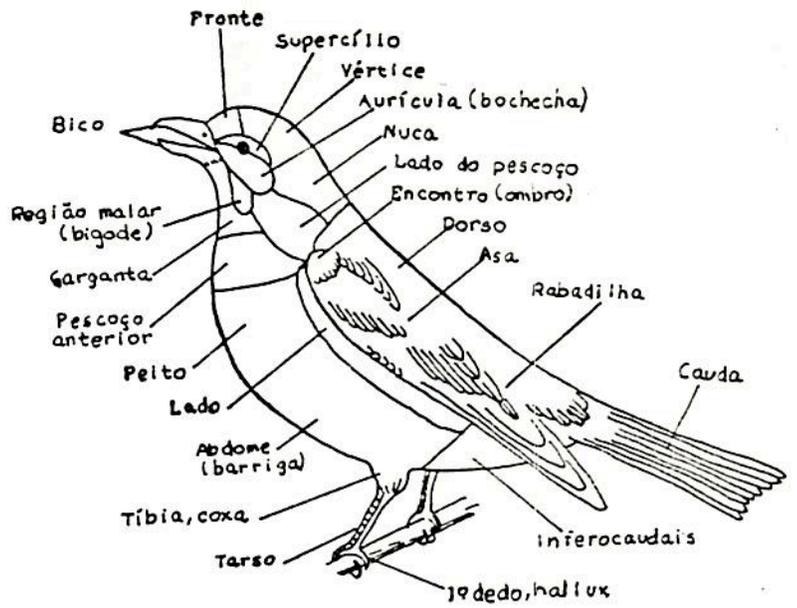
OBI - Sick, H. Ornitologia brasileira: uma introdução. Brasília UnB .1985.

SAL -Dunning, J.S., 1982. South American land birds. Newtown Square, Harrowood.

VNA -Ihering, R. von 1946. Da vida de nossos animais. Porto Alegre Rotermond & Co.

TOPOGRAFIA DA AVE

Divisão didática da ave para auxiliar na identificação das cores.



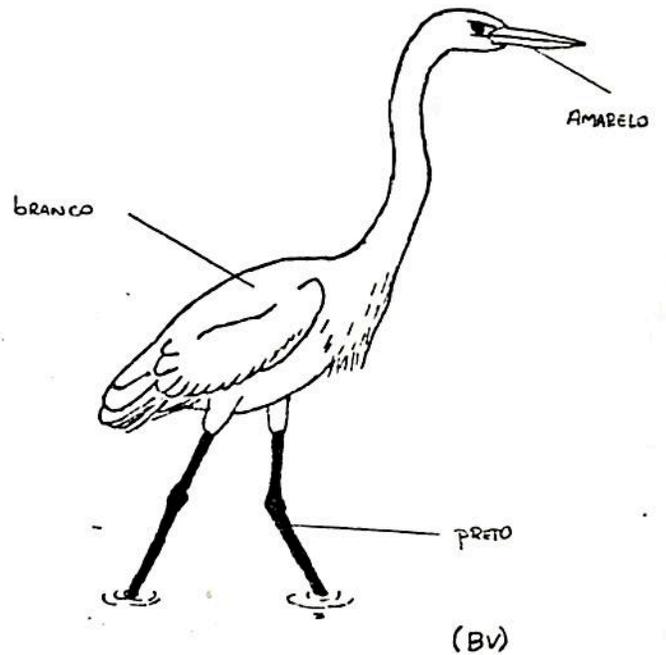
GARÇA-BRANCA-GRANDE

Casmerodius albus 94cm.

Fam. ARDEIDAE

Residente, escasso

Banhados, campos úmidos, praias, pastagens, beiras de rios.



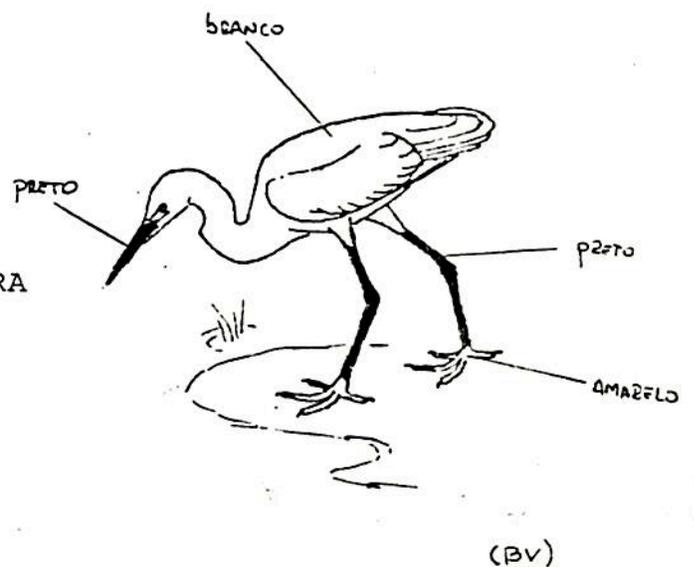
GARÇA-BRANCA-PEQUENA, GARÇA BOIADEIRA

Egretta thula 55cm.

Fam. ARDEIDAE

Residente, escasso

Proximidades de água



SOCOZINHO

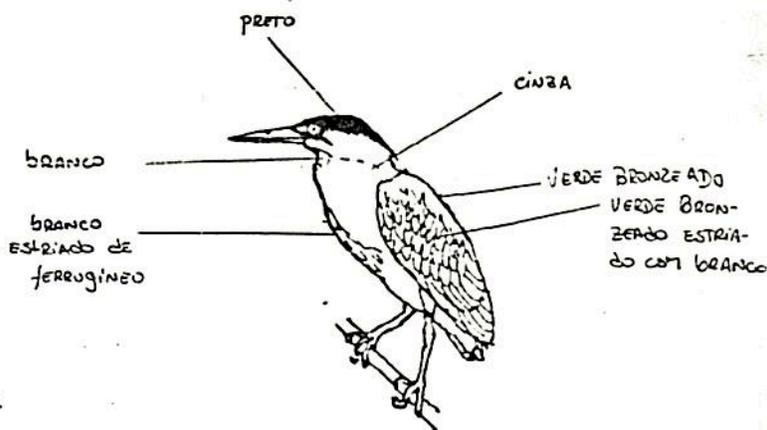
Butorides striatus 39cm.

Fam. ARDEIDAE

Residente, escasso

Proximidades de água doce e salobra

Imaturo: cinzento



(BV)

IRERÊ (Onomatopéico)

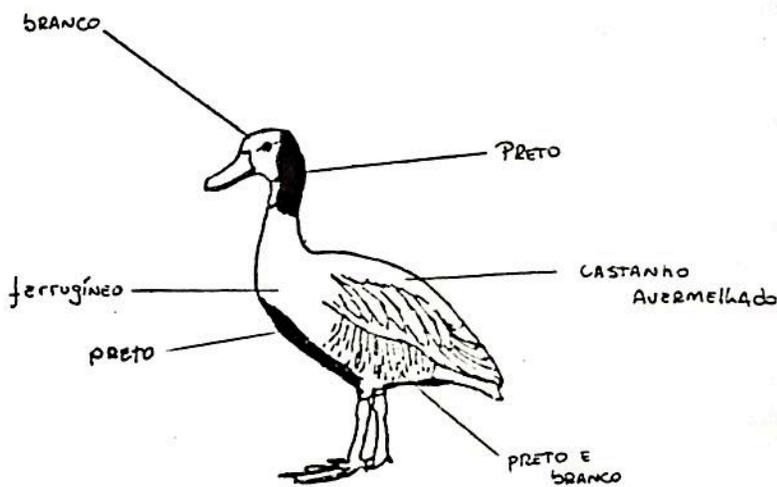
Dendrocygna viduata 44cm.

Fam. ANATIDAE

Migratório, comum

Açudes, banhados, arrozais,

Sobrevoa a cidade a noite



(BV)

GAVIÃO-PENEIRA

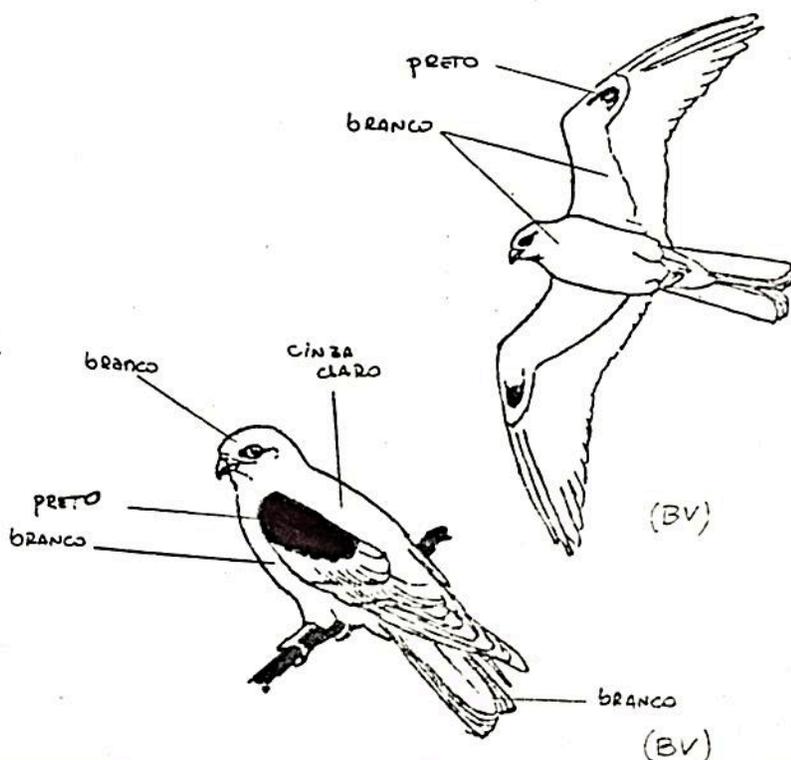
Elanus leucurus 38cm.

Fam. ACCIPITRIDAE

Escasso

Campos arbustivos, geralmente perto de água

Imaturo: manchado de marrom e branco no dorso; embaixo é canela-pálido, estriado com pardo.



(BV)

(BV)

GAVIÃO- CARIJÓ

Buteo magnirostris

34cm. (macho)

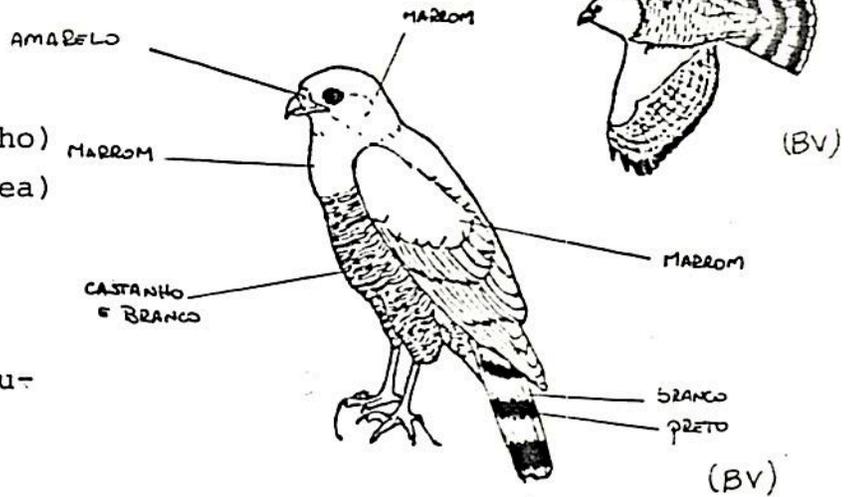
40cm. (femea)

Fam. ACCIPITRIDAE

Residente, escasso

Florestas, campos, estradas.

Visto por cima tem mancha ferrugínea na asa.



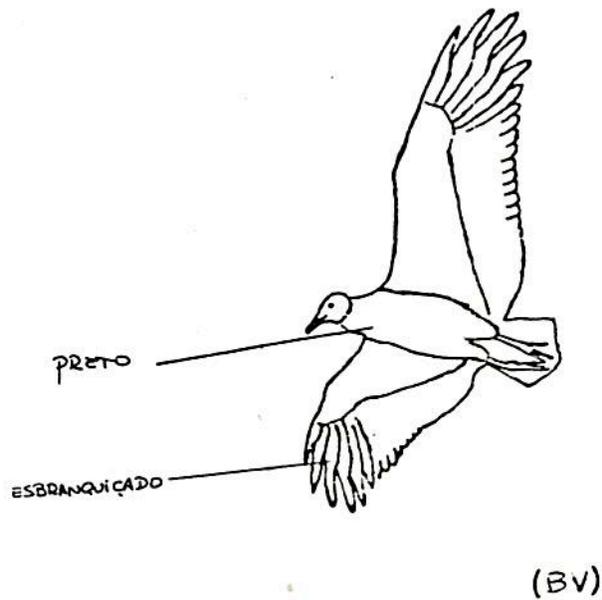
URUBU-DE-CABEÇA-PRETA

Coragyps atratus 63cm:

Fam. CATHARTIDAE

Residente, abundante

Em depósitos de lixo e sobrevoando a cidade



GAVIÃO-PINHÉ (Onomatopéico)

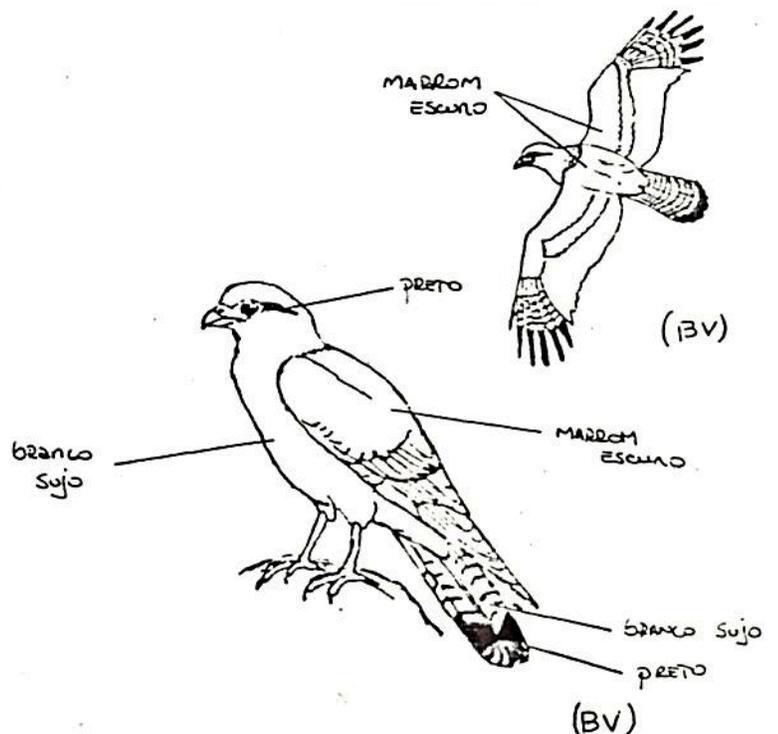
Milvago chimachima 41cm. (macho)

Fam. FALCONIDAE 46cm. (femea)

escasso

Campos, capoeiras, matas.

Imaturo: partes inferiores areia barrado com chocolate, cabeça listrada.



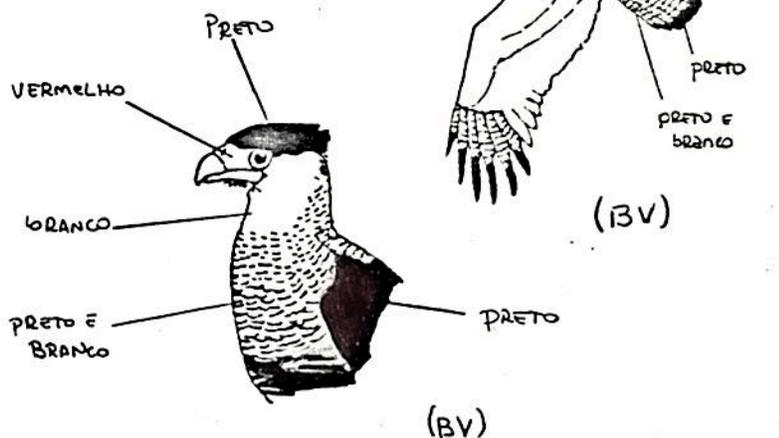
CARCARÁ

Polyborus plancus 51cm. (macho)

Fam. FALCONIDAE 55cm, (femea)

Escasso

Campos, bordas de florestas



FALCÃO-PEREGRINO

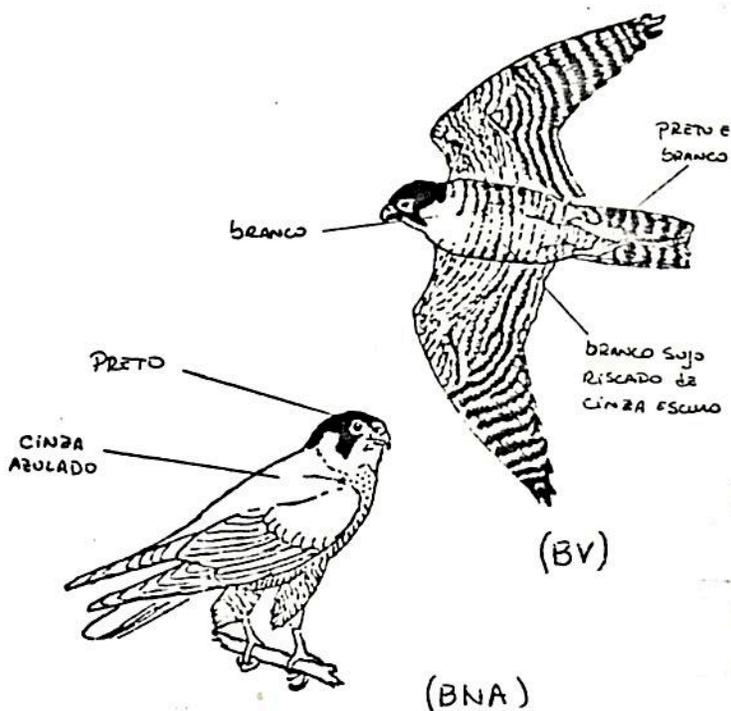
Falco peregrinus 38cm. (macho)

Fam. FALCONIDAE 51cm. (femea)

Visitante de verão, raro

Campos, matas, cidades

Imaturo: em cima pardo, embaixo branco sujo largamente listrado de escuro.



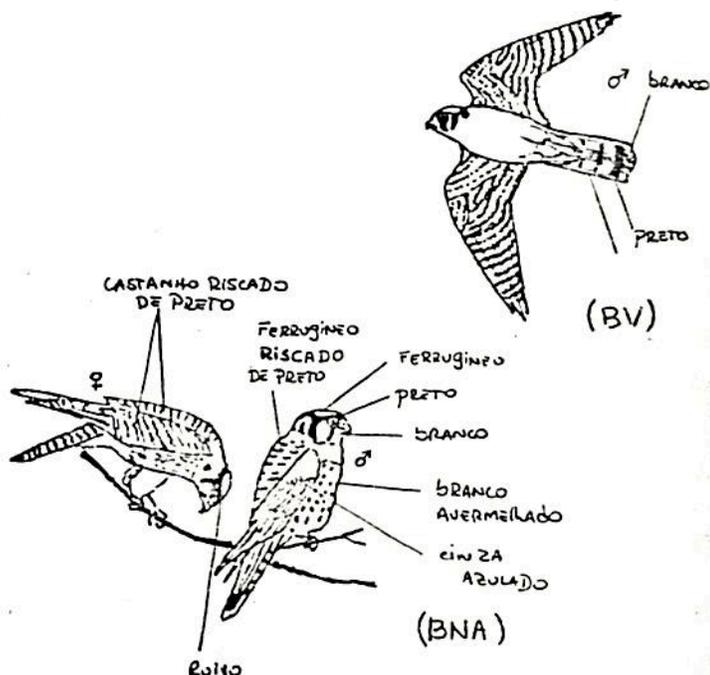
QUIRIQUIRI (Onomatopéico)

Falco sparverius 23cm. (macho)

Fam. FALCONIDAE 26cm. (femea)

Escasso

Campos, ocasionalmente sobrevoando a cidade.



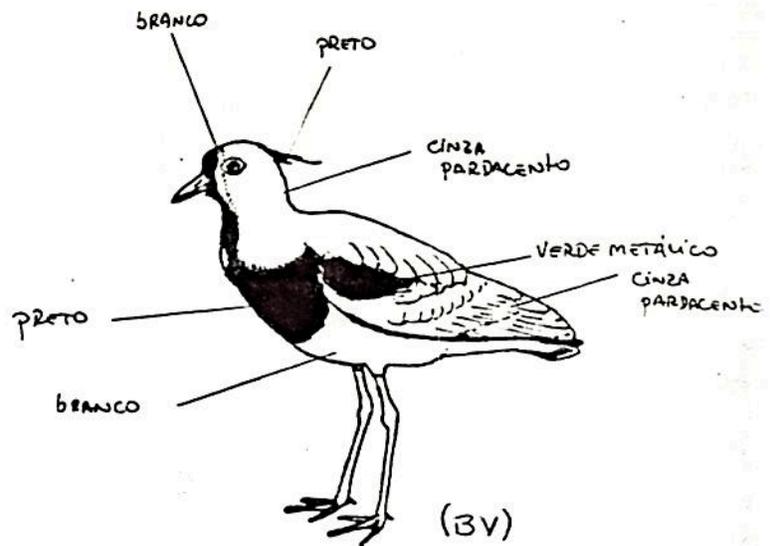
QUERO-QUERO (Onomatopéico)

Vanellus chilensis 33cm.

Fam. CHARADRIIDAE

Escasso

Campos úmidos ou secos



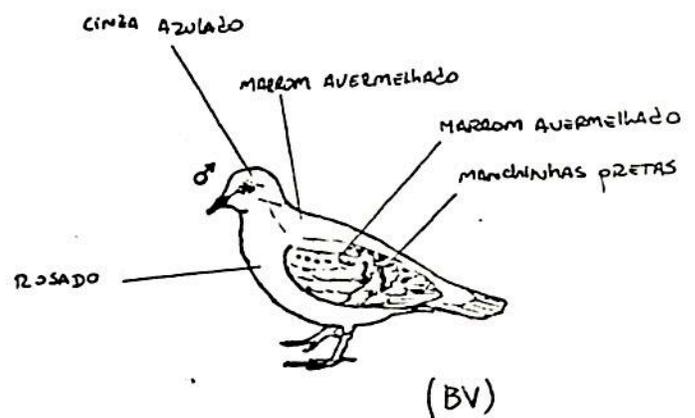
ROLINHA-CALDO-DE-FEIJÃO

Columbina talpacoti 18cm.

Fam. COLUMBIDAE

Residente, abundante

Fêmea tem colorido mais apagado.



POMBO-DOMÉSTICO

Columba livia 33cm.

Fam. COLUMBIDAE

Residente, abundante

Cidades, praças, parques, em bandos

Grande variação no colorido: em geral cinza azulada com reflexo verde-azulado no pescoço, algumas são brancas.

Introduzidas da Europa



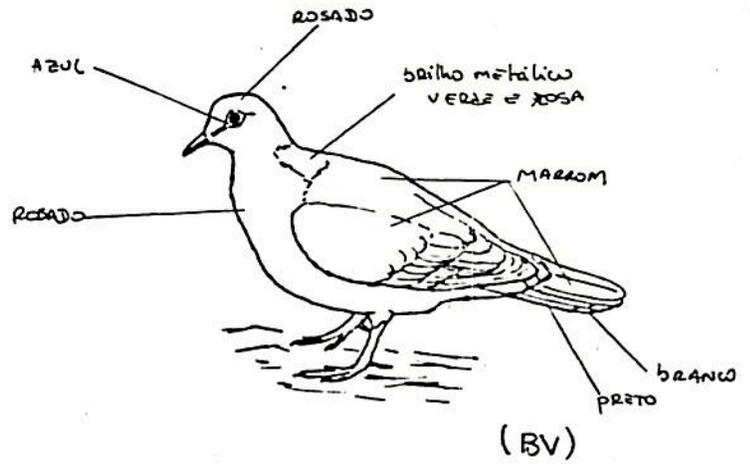
JURITI

Leptotila verreauxi 30cm.

Fam. COLUMBIDAE

Residente, escasso

Matas, geralmente apenas ouvida



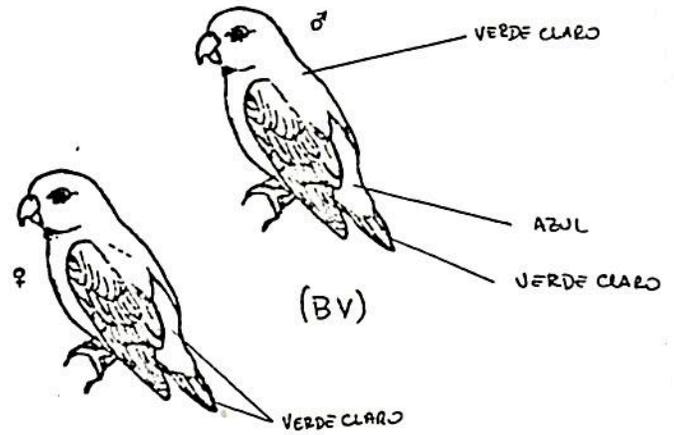
TUIM

Forpus ^{CRASSIROSTRIS} xanthopterygius 12cm.

Fam. PSITTACIDAE

Residente, escasso

O macho tem mancha azul na asas

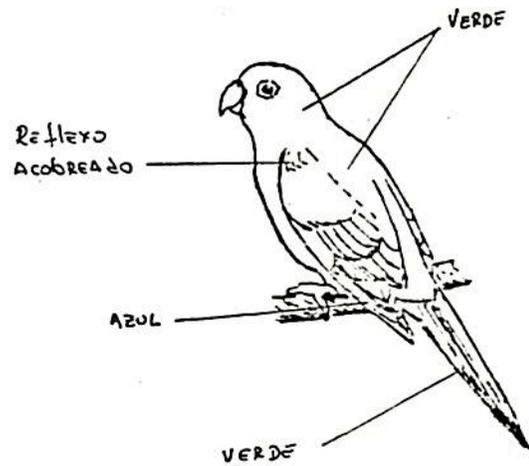


PERIQUITO-VERDE, TIRIBA
Brotoyeris ^{VIRIDISSIMUS} tirica 25cm.

Fam. PSITTACIDAE

Residente, abundante

Campos, praticamente em toda a cidade

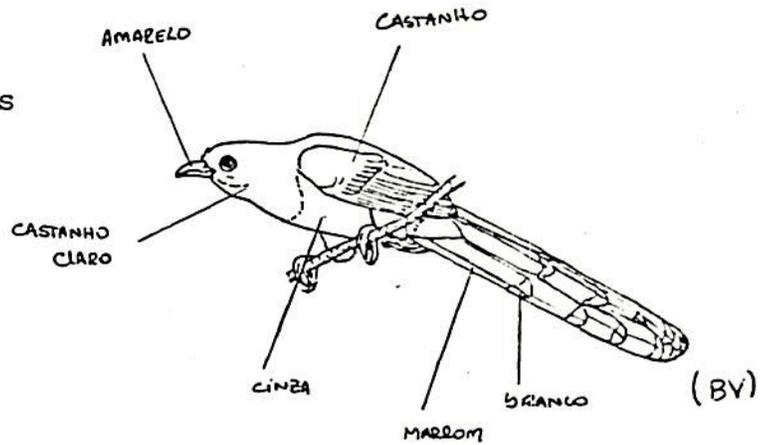


ALMA-DE-GATO

Piaya cayana 44cm.

Fam. CUCULIDAE

Matas, jardins, plantações, moitas
ao longo de rios



ANU-PRETO

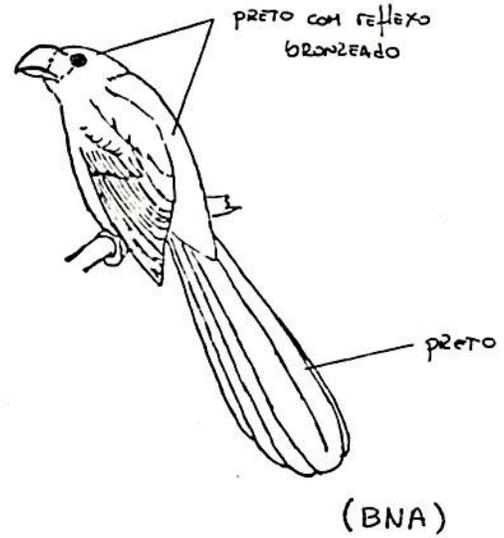
Crotophaga ani 33cm

Fam. CUCULIDAE

Residente, comum

Campos, jardins

Em pequenos bandos



ANU-BRANCO

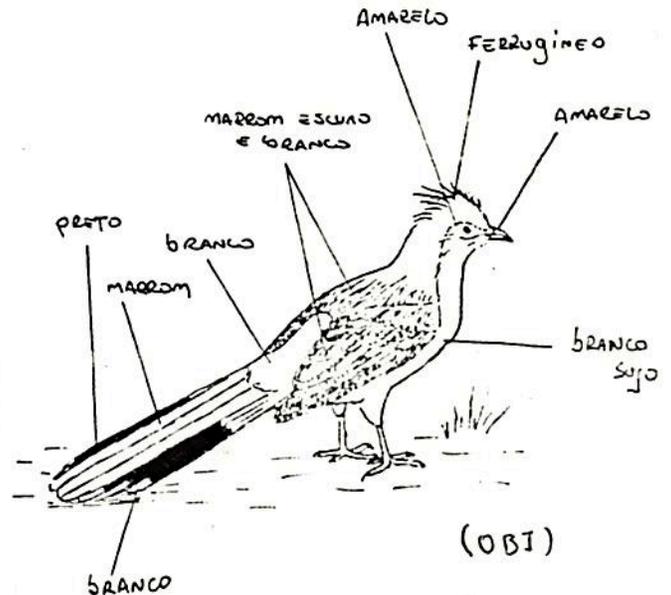
Guira guira 39cm.

Fam. CUCULIDAE

Residente, comum

Campos, parques

Em pequenos bandos



CORUJINHA-DO-MATO

Otus choliba 23cm.

Fam. STRIGIDAE

Rara

Matas, clareiras e pastagens

Noturna



(BV)

CORUJA-BURAQUEIRA

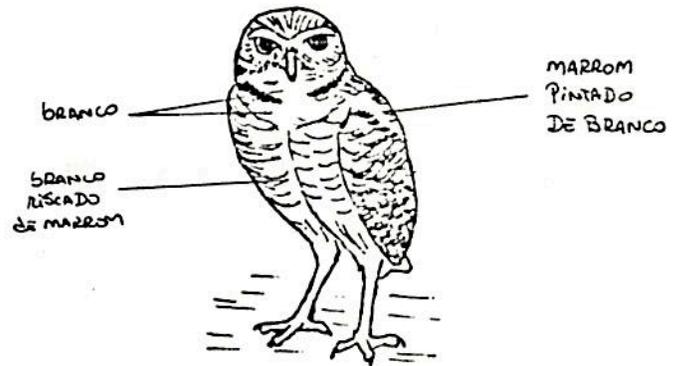
Speotyto cunicularia 22cm.

Fam. STRIGIDAE

Residente, comum

C ampos, cupinzeiros

Única coruja diurna e que é vista no solo



(BV)

MOCHO-ORELHUDO

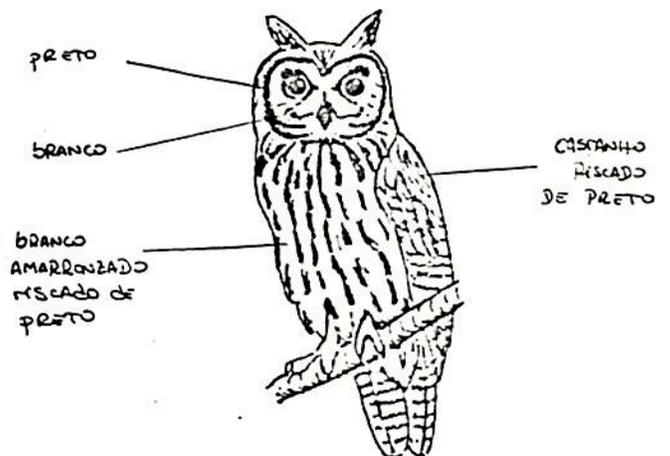
Rhymoptymx clamator 37cm.

Fam. STRIGIDAE

Rara

Bosques

Noturnas



(BV)

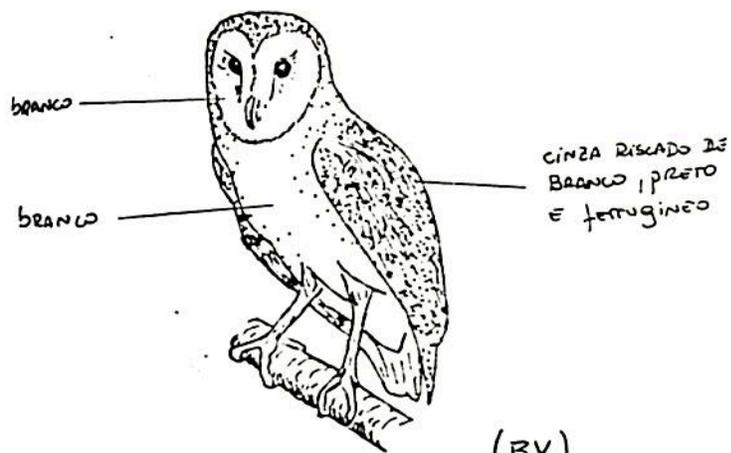
SUINDARA

Tyto alba 40cm.

Fam. TYTONIDAE

Escassa

Noturna, durante o dia esconde-se em cavernas, ocos de árvores, cons ruções, torres de igrejas.



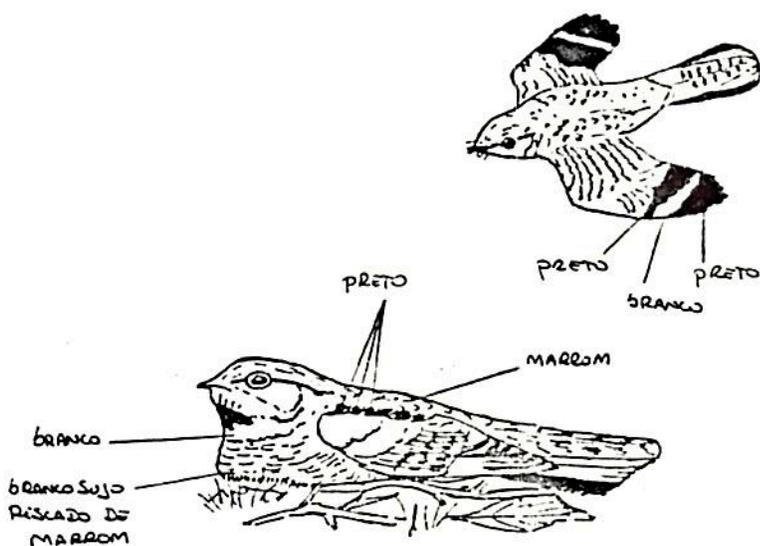
CURIANGO

Nyctidromus albigollis 28 cm

Fam. CAPRIMULGIDAE

Noturno

Note faixa preta na asa



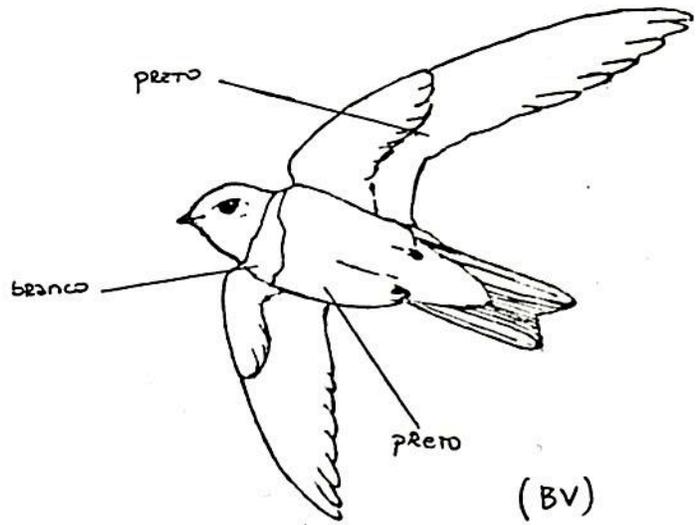
ANDORINHÃO-DE-COLAR

Streptoprocne zonaris 20cm.

Fam. APODIDAE

Comum

Praticamente sō visto voando



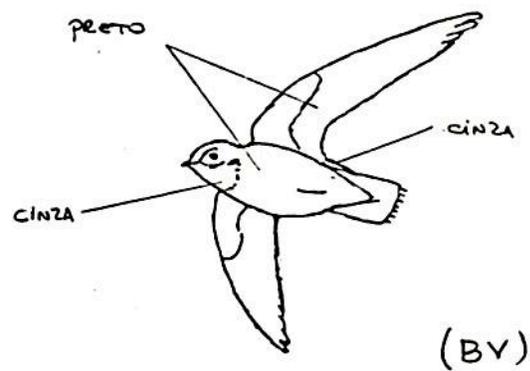
ANDORINHÃO-DO-TEMPORAL

Chaetura andrei 15cm.

Fam. APODIDAE

Comum

Visto quase sempre em vôo
Nidifica em chaminês
Barriga escura (compare com
Andorinhão de colar e ando
rinha)



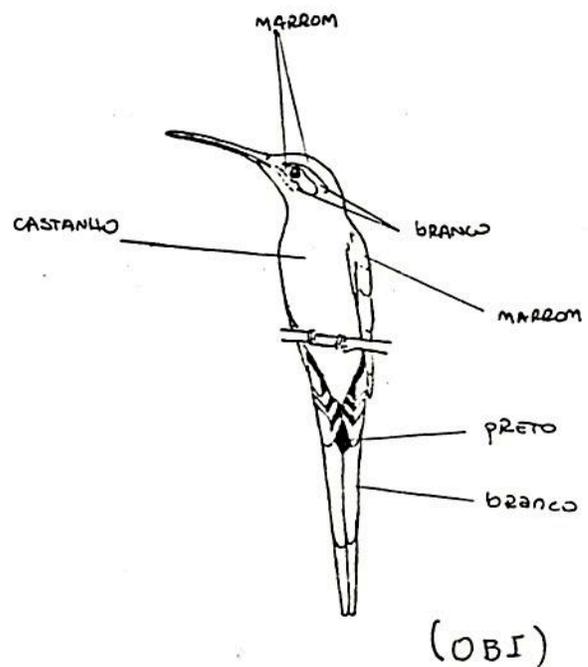
BEIJA-FLOR-DE-RABO-BRANCO

Phaethornis pretrei 12cm.

Fam. TROCHILIDAE

Escasso

Matas



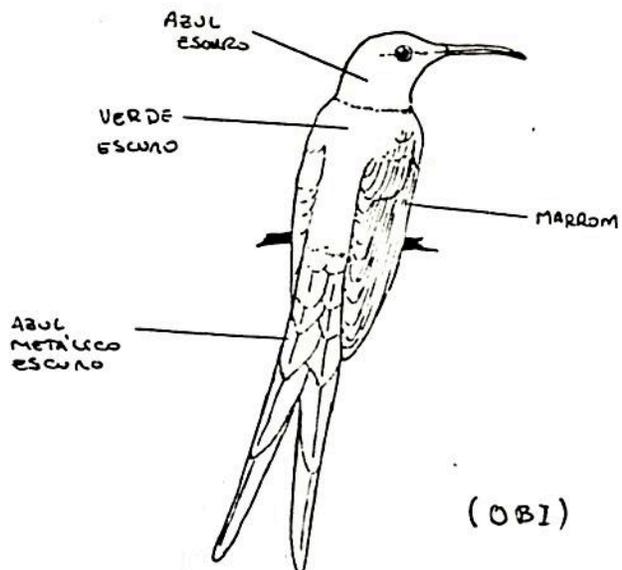
BEIJA-FLOR-RABO-DE-TESOURA

Eupetomena machoura 14cm.

Fam. TROCHILIDAE

Residente, comum

Parques, jardins



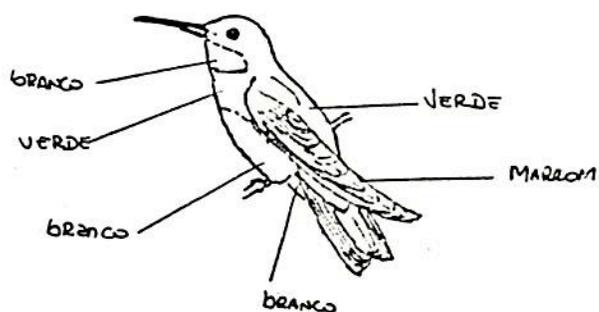
BEIJA-FLOR-DE-PAPO-BRANCO

Leucochloris albicollis 10cm.

Fam. TROCHILIDAE

Escasso

Parques, matas



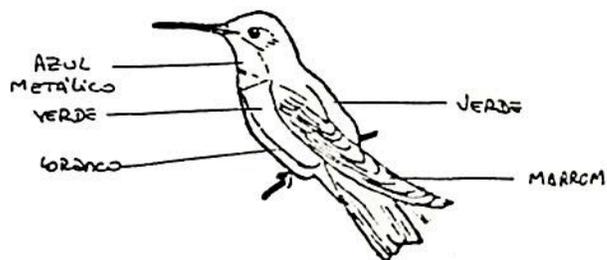
BEIJA-FLOR-DE-PEITO-AZUL

Amazilia lactea 9cm.

Fam. TROCHILIDAE

Comum

Parques, jardins



MARTIN-PESCADOR-GRANDE

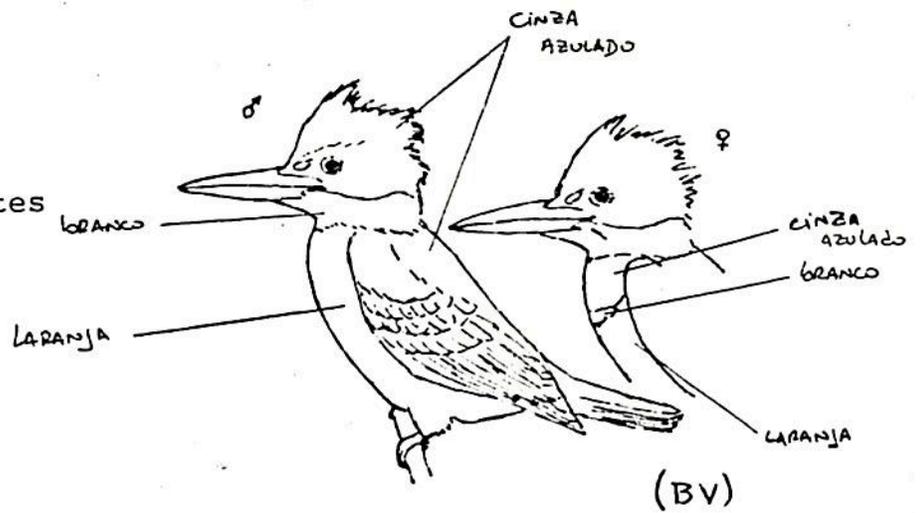
Ceryle torquata 41cm.

Fam. ALCEDINIDAE

Escasso

Proximidades de água

Note: macho e fema diferentes



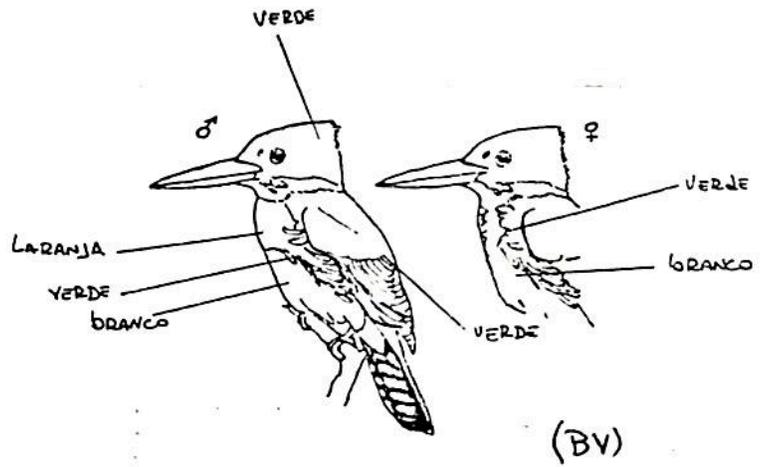
MARTIN-PESCADOR-VERDE

Chloroceryle amazona 28cm.

Fam. ALCEDINIDAE

Escasso

Lagos



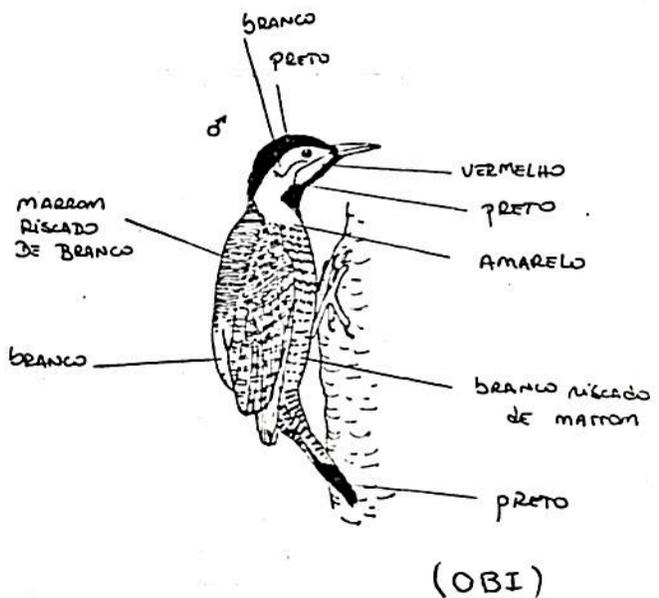
PICA-PAU-DO-CAMPO

Colaptes Campestris 30 cm

Fam. PICIDAE

Escasso

Campos, Palmeirais



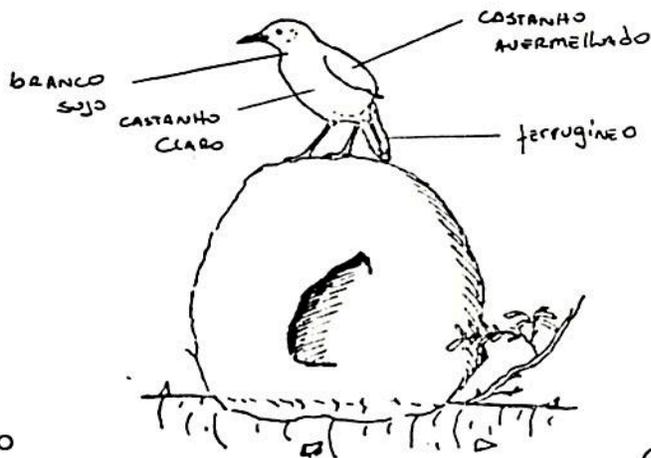
JOÃO-DE-BARRO

Furnarius rufus 20cm.

Fam. FURNARIIDAE

Residente, abundante

Campos, parques, proximidades
das casas, geralmente visto no chão



(ASR)

JOÃO-TENENÉM (Onomatopéico)

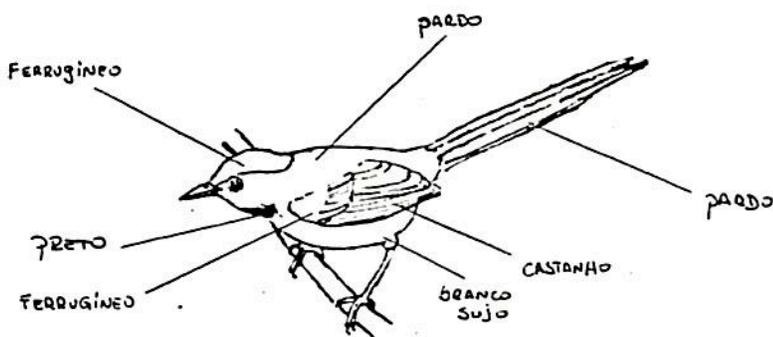
Synallaxis spixi 16 cm

Fam. FURNARIIDAE

Comum

Matas, capoeiras, áreas com arbustos

Geralmente só ouvido



CERTHIAXIS

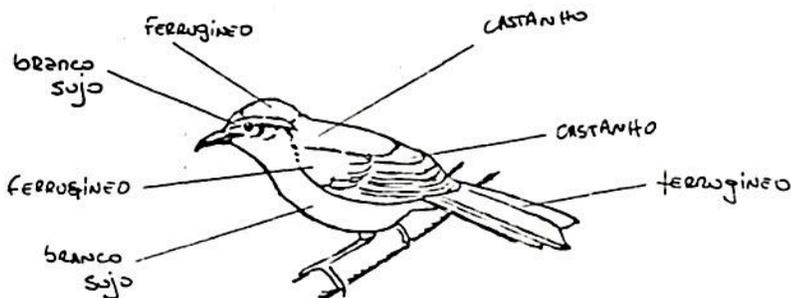
CRANIOLEUCA PALLIDA 13 cm

Fam. FURNARIIDAE

Comum

Matas, Parques

Sobe pelos troncos das árvores



MARIA BRANCA

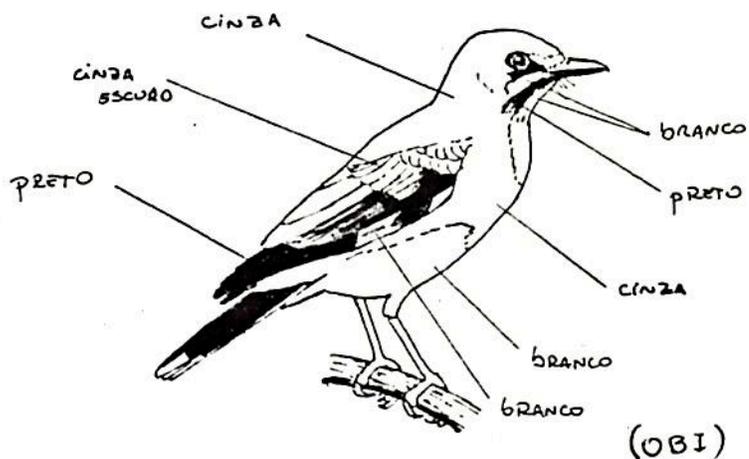
Xalmis cinerea 22 cm

Fam. TYRANNIDAE

Migratório, escasso

Campos, lugares úmidos

Em vôo mostra larga faixa branca na asa.



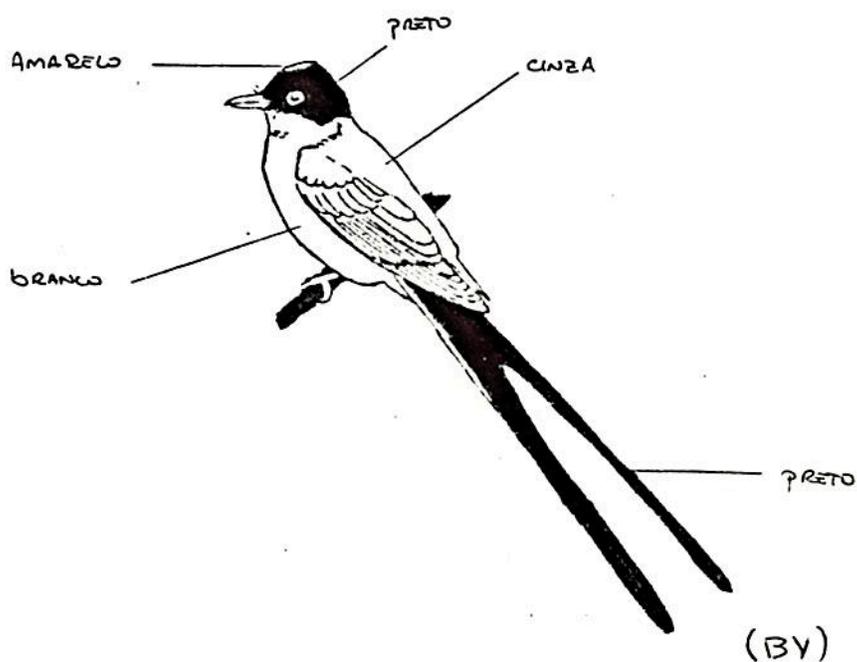
TESOURINHA

Muscivora tyrannus 38 cm

Fam. TYRANNIDAE

Visitante de Verão, comum

Campos



SUIRIRI-CAVALEIRO

Machetornis rixosus 19 cm

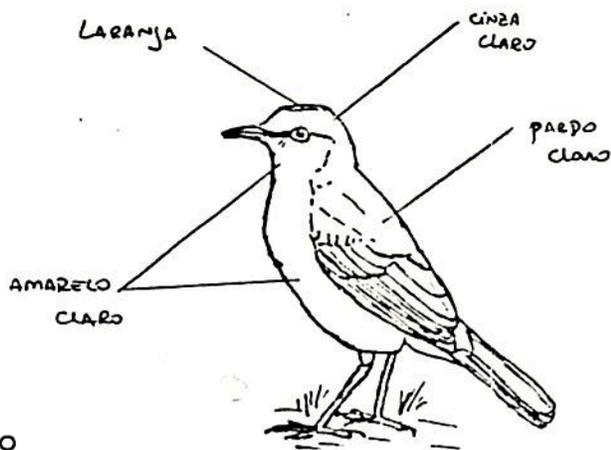
Fam. TYRANNIDAE

Residente, comum

Campos, parques

Geralmente visto no chão

Colorido muito mais pálido do que o do Suirirí



(BY)

SUIRIRI (Onomatopéico)

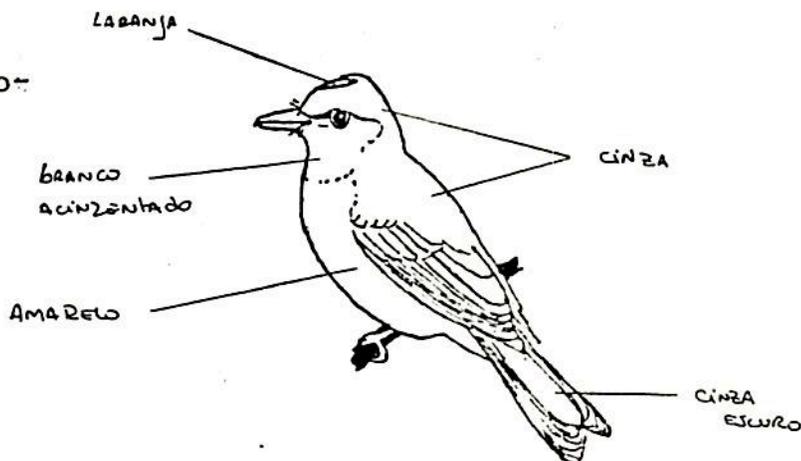
Tyrannus melancholicus 21cm.

Fam. TYRANNIDAE

Visitante de verão, abundante

Campos arborizados, parques

Pousa geralmente no alto de árvores altas



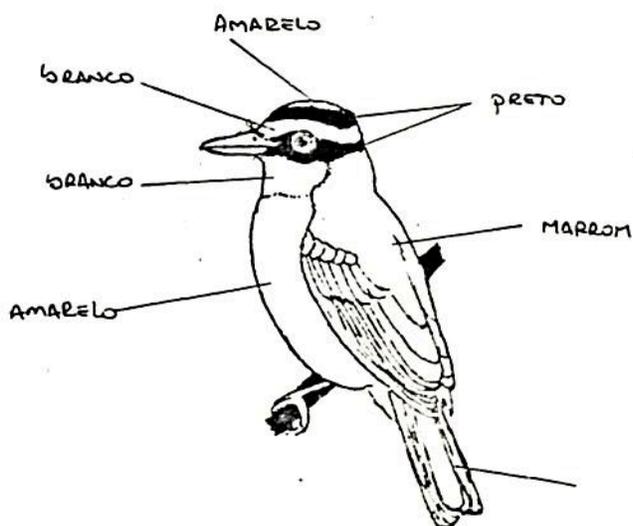
(BY)

BEM-TE-VI (Onomatopéico)

Pitangus sulphuratus 23 cm

Fam. TYRANNIDAE

Residente, abundante em toda a cidade.



(BY)

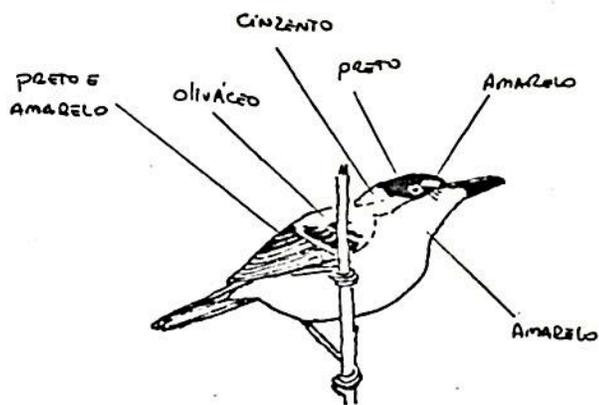
TEC-TEC

Todirostrum poliocephalum

Fam. TYRANNIDAE

Residente, escasso

Matas



(OBI)

ANDORINHA AZUL E BRANCA

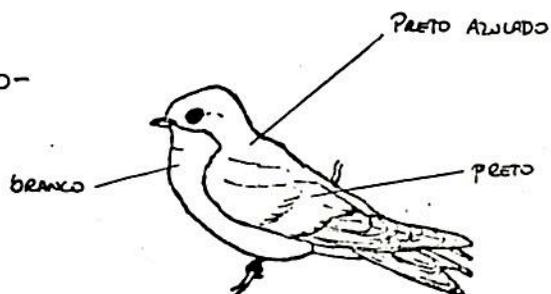
Notiochelidon cyanoleuca 12 cm

Fam. HIRUNDINIDAE

Residente, abundante

Campos, parques, toda a cidade.

Barriga branca (compare com os andorinhões)



(BV)

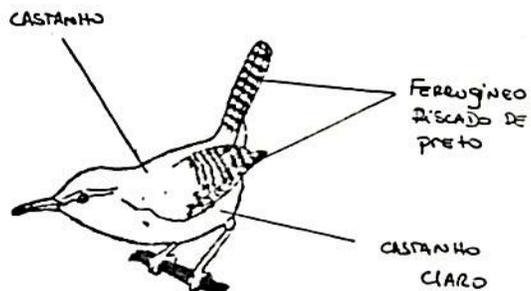
CORRUÍRA

Troglodytes aedon 11 cm

Fam. TROGLODYTIDAE

Residente, abundante

Campos, jardins, toda a cidade



(BV)

SABIÁ-DO-CAMPO

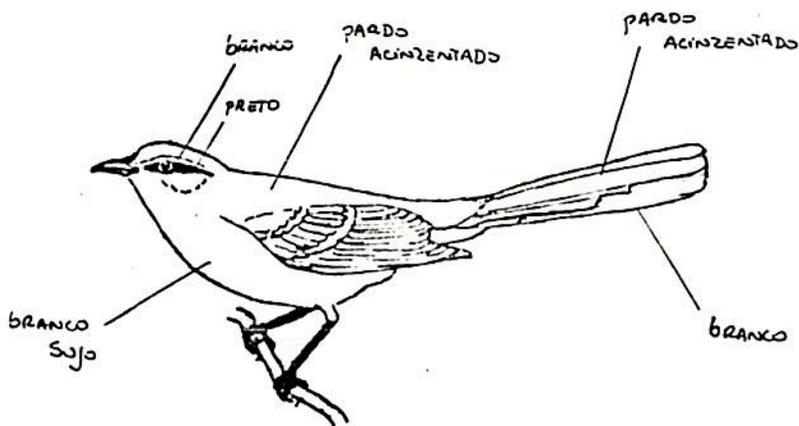
Mimus saturninus 27cm.

FAM: MIMIDAE

Residente, abundante

Campos

Note a longa cauda



SABIÁ-LARANJEIRA

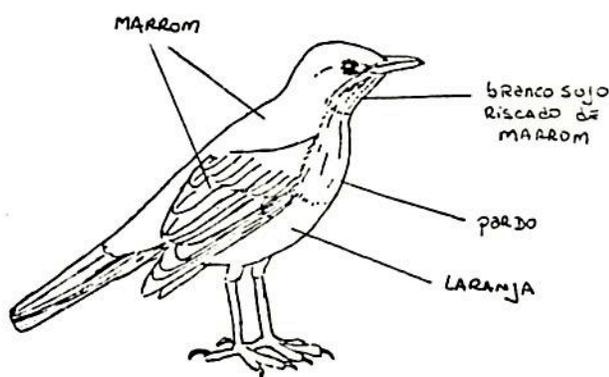
Turdus rufiventris 26cm.

Fam. TURDIDAE

Residente, abundante

Matas, pomares, jardins

Imaturo: Peito e ventre com pintas escuras.



(OBI)

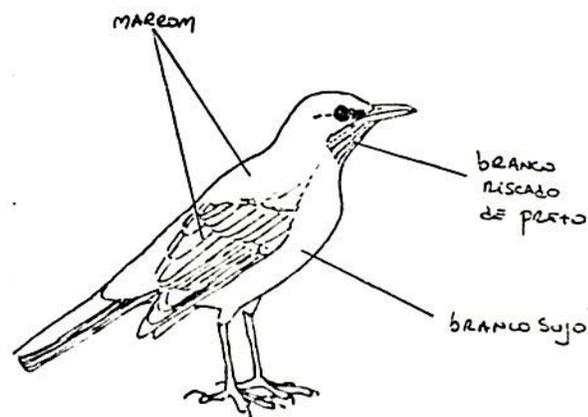
SABIÁ-POCA

Turdus amaurochalinus 25cm.

Fam. TURDIDAE

Escasso

Matas



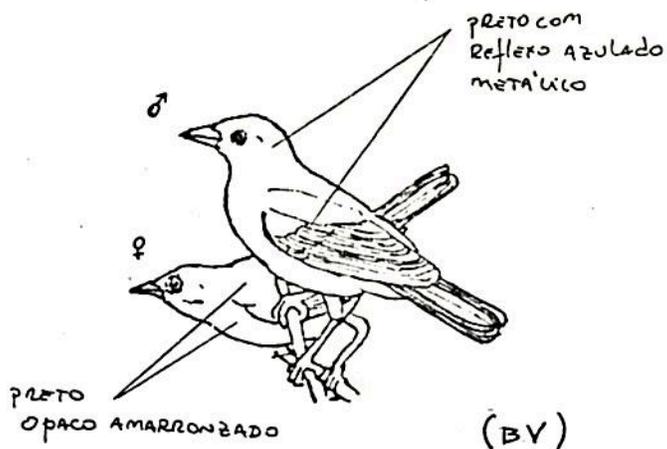
CHOPIM

Molothrus bonariensis 22 cm

Fam. ICTERIDAE

Residente, abundante

Campos



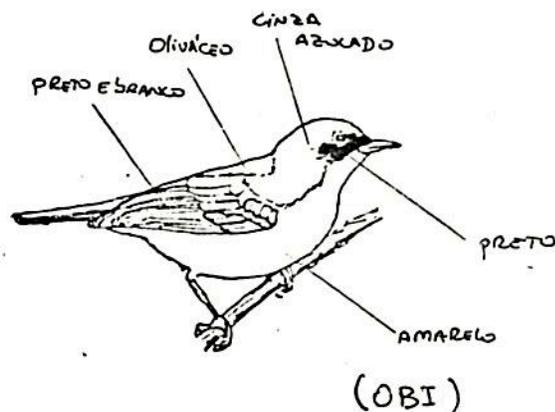
MARIQUITA

Parula pitiayumi 10cm.

Fam. PARULIDAE

Residente, escasso

Copas de árvores, jardins



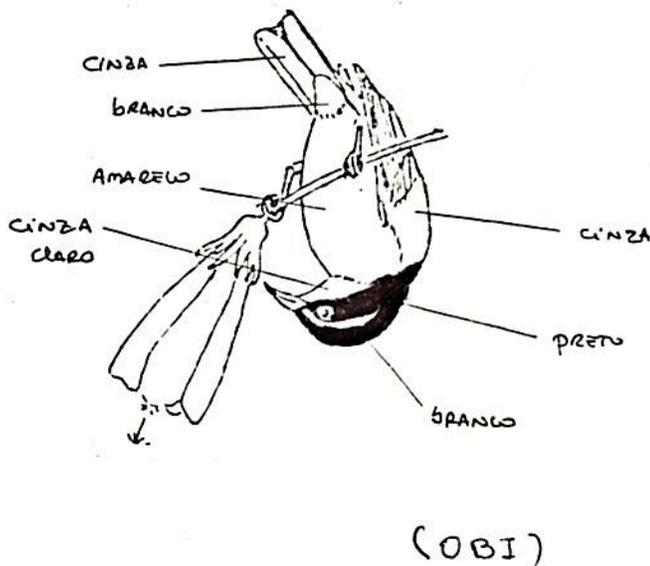
CAMBACICA

Coereba flaveola 11 cm

Fam. COEREBIDAE

Residente, abundante

Alimenta-se de néctar em flores.



SAÍ-AZUL

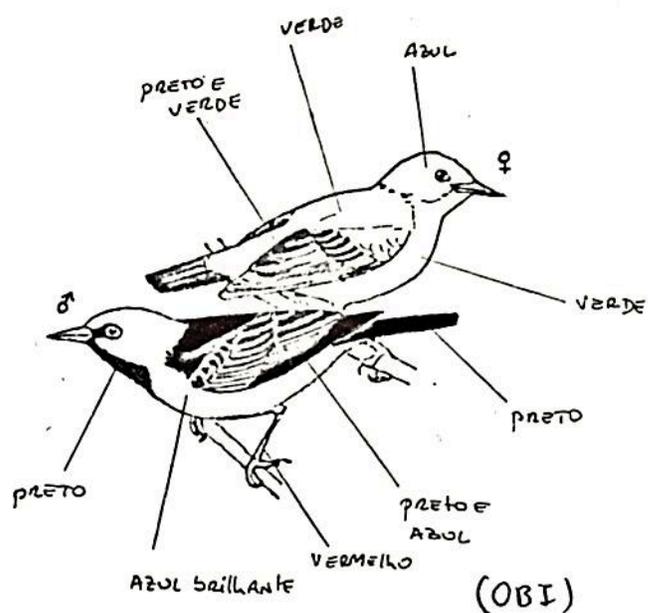
Dacnis cayana

Fam. COEREBIDAE

Escasso

Parques

Alimenta-se de néctar de flores



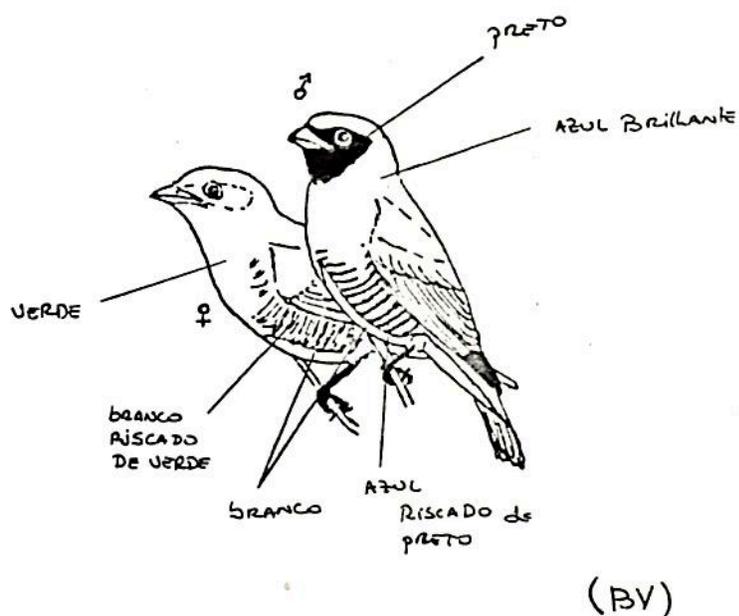
SAÍ-ANDORINHA

Tersina viridis

Fam. TERSINIDAE

Visitante de inverno, escasso

Alimenta-se de erva-de-passa-rinho.

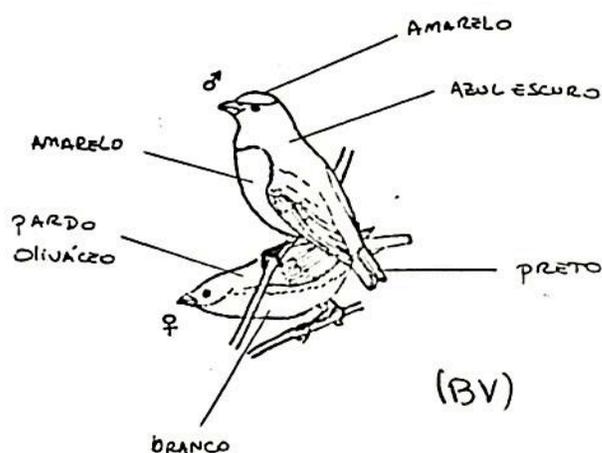


GATURANO VI-VI (Onomatopéico)

Euphonia chlorotica llcm

Fam. THRAUPIDAE

Residente, escasso



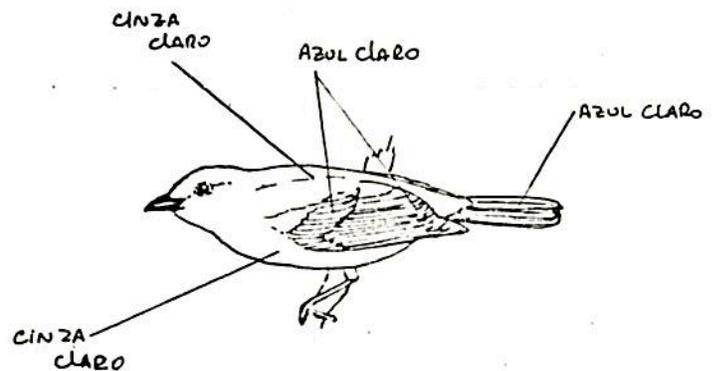
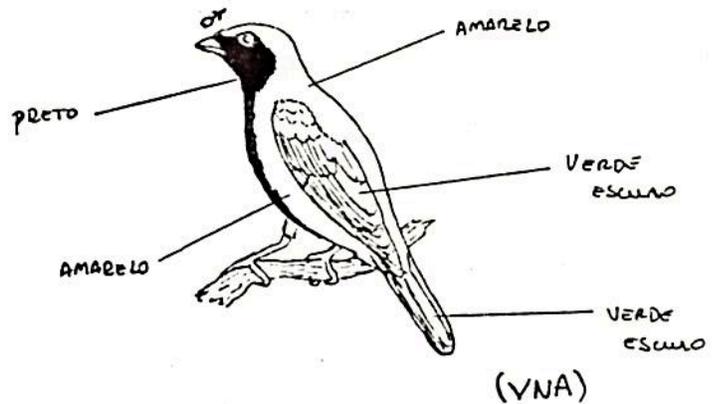
SAÍRA. AMARELA

Tangara cayana 15 cm

Fam. THRAUPIDAE

Escasso

Fêmea: Semelhante ao macho
mais escura e esverdeada,
garganta esbranquiçada.



SANHAÇO-CINZA

Thraupis sayaca 18 cm

Fam. THRAUPIDAE

Residente, abundante

Matas, bosques, parques, toda a cidade

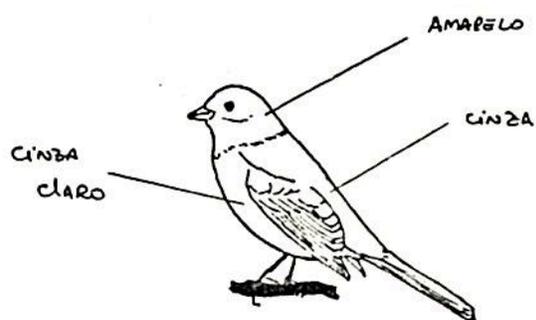
BONITO-CANÁRIO

Thlypopsis sordida 17cm

Fam. THRAUPIDAE

Escasso

Copas de árvores, parques

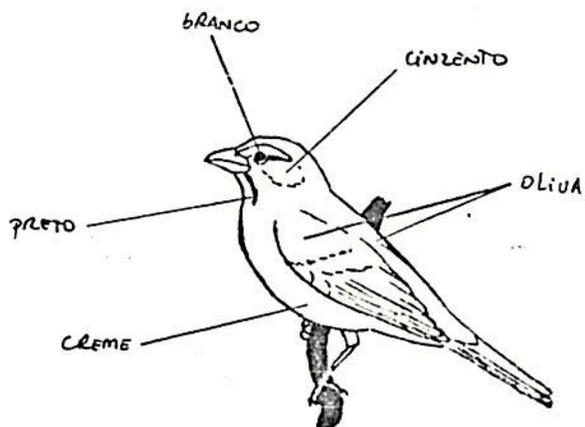


TRINCA-FERRO

Saltator similis 21 cm

Escasso

Matas



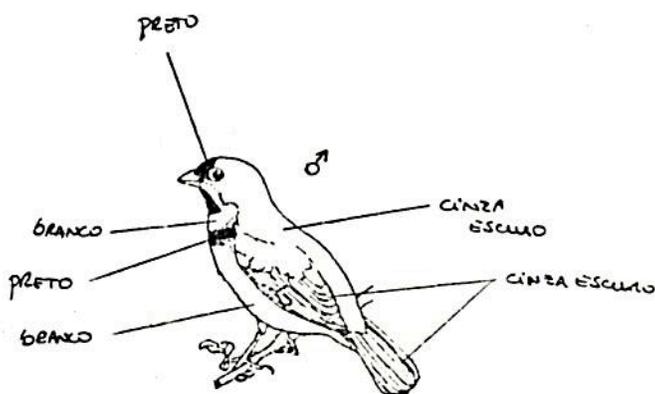
BOLEIRINHA

Sporophila caerulescens 12cm.

Raro

Campos, capinzais

Femea toda parda



(VNA)

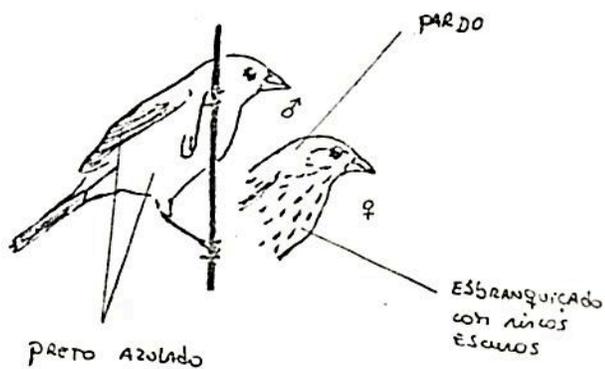
TISIU (Onomatopéico)

Volatinia jacarina 10cm.

Visitante de verão, comum

Campos, capinzais

Macho tem branco embaixo da asa



(SAL)

PINTASSILGO

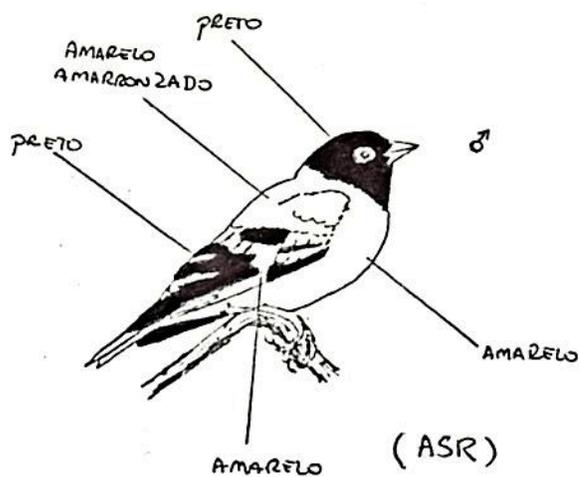
Spinus magellanicus 13cm.

Fam. FRINGILLIDAE

Escasso

Campos, capinzais

Femea sem preto na cabeça

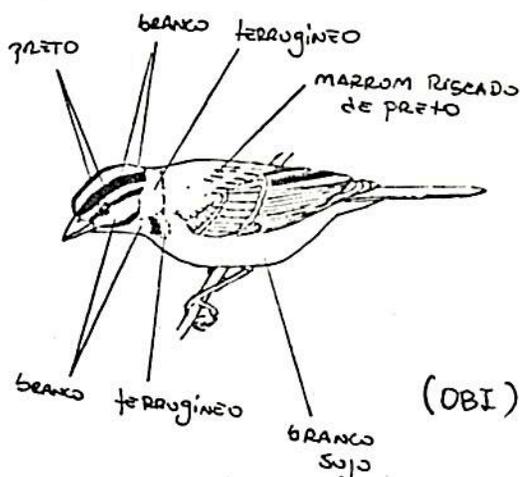


TICO-TICO (Onomatopéico)

Zonotrichia capensis 15 cm

Residente, abundante

Campos, cidades



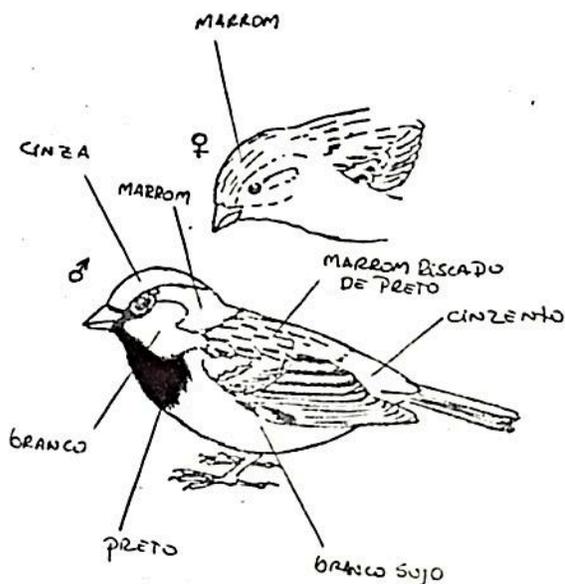
PARDAL

Passer domesticus 15 cm

Fam. PLOCEIDAE

Residente, abundante

Introduzido a partir da Europa



BICO-DE-LACRE

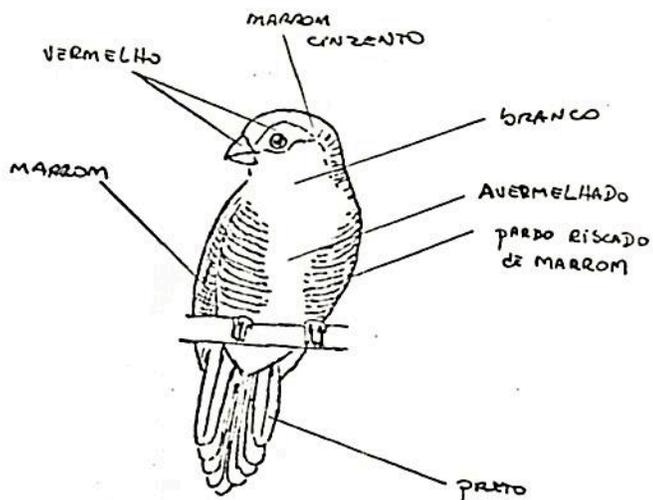
Estrilda astrild 11 cm

Fam. ESTRILDIDAE

Residente, comum

Campos, capinzais

Introduzido a partir da África



(AT)